


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ANA LUIZA GUISSO DE MORAES

REFLEXÃO EM CONTEXTO DE TELETANDEM:
USO DE QUESTÕES NORTEADORAS NA MEDIAÇÃO



ARARAQUARA – S.P.
2019

ANA LUIZA GUISSO DE MORAES

REFLEXÃO EM CONTEXTO DE TELETANDEM: USO DE QUESTÕES NORTEADORAS NA MEDIAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Ana Cristina Biondo Salomão

Bolsa: Reitoria/PIBIC

ARARAQUARA – S.P.
2019

Moraes, Ana Luiza Guisso de
Reflexão em contexto de Teletandem: uso de
questões norteadoras na mediação / Ana Luiza
Guisso de Moraes — 2019
64 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)
Orientador: Ana Cristina Biondo Salomão

1. Teletandem. 2. Mediação. 3. Processo reflexivo. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANA LUIZA GUISSO DE MORAES

REFLEXÃO EM CONTEXTO DE TELETANDEM: USO DE QUESTÕES NORTEADORAS NA MEDIAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Ana Cristina Biondo Salomão

Bolsa: Reitoria/PIBIC

Data da defesa/entrega: 19/11/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr^ª Ana Cristina Biondo Salomão
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Araraquara

Membro Titular: Me. Camila Maria da Costa Kami
Doutoranda da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus
Araraquara

Membro Titular: Me. Bruna da Silva Campos
Doutoranda da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus
Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para que eu alcançasse tudo aquilo que almejei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter iluminado meu caminho e ser a fortaleza dos meus dias.

Aos meus pais, Moacir e Rosilene, por todo amor, compreensão e apoio para que eu pudesse realizar meus sonhos. Ao meu irmão, Lucas, por sempre estar ao meu lado e trazer ainda mais alegria aos meus dias.

Agradeço em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Ana Cristina Biondo Salomão, pelo acolhimento, por todos os conselhos e pela confiança depositada em mim.

Às minhas amigas, em especial à Isabella, Letícia e Milena, por todo o incentivo, parceria, conselhos e momentos de descontração, que nos impulsionavam a seguir em frente, apesar de todos os desafios e desentendimentos.

À UNESP e ao CNPQ pelo apoio acadêmico e financeiro durante a graduação.

RESUMO

O presente trabalho visou investigar um contexto virtual de aprendizagem colaborativa, o Teletandem, no qual falantes de diferentes línguas interagem por meios de comunicação síncrona na internet, utilizando áudio e vídeo, com o objetivo de aprenderem a língua um do outro. Do ponto de vista teórico, há três princípios fundamentais que norteiam a parceria dos aprendizes em regime de Teletandem, sendo eles o princípio da igualdade (ou separação de línguas), da reciprocidade e da autonomia. No que concerne este contexto, é importante ressaltar a figura de um mediador, que auxilia os participantes em relação às suas reflexões sobre a aprendizagem neste contexto. A mediação tem sido realizada de modos distintos, por alunos de graduação e pós-graduação que tenham conhecimento e experiência em Teletandem, por meio de sessões em grupos, assim como pelo uso de diários reflexivos. O objetivo geral foi investigar de que forma a mediação é usada no Teletandem para fomentar o processo de reflexão no ensino e aprendizagem colaborativos em tal contexto. A metodologia escolhida foi de cunho qualitativo. Gravações em áudio e vídeo das sessões de mediação de uma turma de Teletandem foram usadas para que se explorasse o modo como estas sessões foram conduzidas pelo mediador. Além disso, foi feita uma entrevista com as mediadoras da turma pesquisada, visando investigar a perspectiva do mediador em relação à sua atuação na condução da mediação. Por fim, foram usados os questionários finais, que são respondidos pelos alunos, para observar a perspectiva dos mesmos a respeito da mediação. De cunho interpretativista, a análise dos dados, primeiramente, tomou por foco registros coletados por cada instrumento, no qual o levantamento de categorias relevantes foi realizado. Com a triangulação dos dados, foi possível identificar os aspectos da mediação utilizados para a elaboração de questões norteadoras, bem como a maneira como os mediadores as utilizam para a condução das mediações.

Palavras – chave: Teletandem. Mediação. Processo reflexivo.

ABSTRACT

This work aimed to investigate a virtual context of collaborative learning, Teletandem, in which speakers of different languages interact by means of synchronous online communication, using audio and video, in order to learn each other's language. From a theoretical point of view, there are three fundamental principles that guide the partnership of Teletandem apprentices, namely the principle of equality (or language separation), reciprocity and autonomy. Regarding this context, it is important to highlight the figure of a mediator who assists participants in their reflections on learning in this context. Mediation has been carried out in different ways by undergraduate and graduate students, who have knowledge and experience in Teletandem, through group sessions, as well as through the use of reflective journals. The overall objective was to investigate how mediation is used in Teletandem to foster the process of reflection in collaborative teaching and learning. The methodology chosen was of a qualitative nature. Audio and video recordings of the mediation sessions of a Teletandem group were used in order to explore the way that these mediations were conducted by the mediator. In addition, an interview was conducted with the mediators of the researched group, aiming to investigate the perspective of the mediator in relation to his role in conducting mediation. Finally, the final questionnaires answered by the participants were used to observe their perspective on mediation. From an interpretative perspective, the data analysis, firstly, focused on records collected by each instrument, in which relevant categories was found. With the triangulation of the data, it was possible to identify the aspects of mediation used for the elaboration of guiding questions, as well as the way the mediators use them to conduct the mediations.

Keywords: Teletandem. Mediation. Reflective process.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	8
1.1 Objetivos e Perguntas de Pesquisa	9
2 DESENVOLVIMENTO	10
2.1 Referencial Teórico	10
2.1.1 Teletandem	10
2.1.2 Mediação	11
2.1.3 Tipos de Mediação	12
2.2 Metodologia	13
2.2.1 Natureza da pesquisa	13
2.2.2 Descrição do contexto e dos participantes de pesquisa	14
2.2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	15
2.2.4 Forma de análise dos dados	16
2.3 Análise dos dados	17
2.3.1 Menção a conceitos teóricos sobre Teletandem	18
2.3.2 Correção de erros e <i>feedback</i>	22
2.3.3 Fomento à discussão	28
2.3.4 Continuidade nas mediações	38
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	46
APÊNDICE A – Exemplo de transcrição das mediações	46
APÊNDICE B – Roteiro para entrevista com a(s) mediadora(s)	52
APÊNDICE C – Entrevista com a(s) mediadora(s)	53
ANEXO	60
ANEXO A – Perguntas do Questionário Final	60

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Com o avanço das tecnologias digitais, a comunicação fez-se algo muito mais acessível. Em questão de segundos, mensagens, e-mails, fotos, vídeos, áudios, de inúmeros lugares do mundo, são compartilhados na internet. Assim, aprender outro idioma e conhecer outras culturas, tornou-se uma necessidade. O indivíduo que domina outras línguas, põe-se a frente de novas ideologias, culturas, crenças e oportunidades na vida acadêmica e profissional.

Desta forma, o projeto Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos, visa à aprendizagem de línguas por meio de tecnologias digitais da Internet, no qual nativos ou falantes proficientes de diferentes línguas interagem com o objetivo de aprender e praticar a língua um do outro (TELLES; VASSALLO, 2006; VASSALLO; TELLES, 2009). As sessões de Teletandem, geralmente têm duração de uma hora, na qual durante metade do tempo o interagente será aluno da língua que estuda e na outra parte da interação, colaborará para o aprendizado da língua na qual é proficiente. Desta forma, a aprendizagem em Teletandem é colaborativa, tendo como princípios básicos a igualdade, a reciprocidade e a autonomia.

De acordo com Salomão, Silva e Daniel (2009), o princípio da igualdade baseia-se no uso da língua estrangeira e da língua materna, de forma igualitária, ou seja, dividindo o tempo da interação para que ambos os participantes possam praticar a língua alvo. No que concerne aos princípios da reciprocidade, os participantes devem trabalhar juntos de forma a resolver os possíveis obstáculos durante a interação e alcançarem seus objetivos. Quanto à autonomia, cada um se torna agente de seu aprendizado e colaborador da aprendizagem do parceiro.

Conforme Evangelista e Salomão (2019), apesar da motivação do aluno no ensino e aprendizagem colaborativo, ele pode não ser capaz, por si só, de explorar amplamente o contexto. Assim, após a sessão de interação, os alunos participam de um momento de reflexão, a mediação. Esta parte da interação faz com o que os alunos pensem sobre seu próprio processo de aprendizagem e colaboração para a aprendizagem do parceiro.

Salomão (2011) afirma, ao citar Williams e Burden (1999), que o termo mediador, no processo de ensino e aprendizagem, se refere à pessoa que seleciona e define aquilo que leva ao processo de aprendizagem, ou seja, o papel do mediador é guiar a conversa de forma a promover a reflexão do aluno sobre seu próprio aprendizado. Assim, as sessões de mediação correspondem a uma parte importante da aprendizagem em Teletandem, pois, por meio delas, podem surgir reflexões sobre inúmeras questões culturais e linguísticas que os participantes poderiam não perceber sozinhos durante a sessão de interação.

Segundo Salomão (2011, p. 659), ao invés do aconselhamento, o projeto Teletandem traz a ideia da mediação, entendida como uma forma de auxílio prestado pelo mediador, “não

somente como conselhos sobre como proceder para aprender melhor”, mas sim como uma terceira pessoa que se insere na relação de ensino e aprendizagem colaborativos da parceria de interagentes para “auxiliá-los a refletir sobre sua própria prática enquanto aprendizes da língua do outro e professores de sua própria língua”. Segundo a autora, “o termo mediador é usado, desse modo, por estar intimamente ligado às ideias de Vygotsky em sua teoria social do conhecimento, que expõe a possibilidade de o homem, por meio de suas relações sociais e da linguagem, constituir-se e desenvolver-se como sujeito”.

A mediação, no projeto Teletandem Brasil é realizada de por meio de diários reflexivos ou em sessões em grupo. No caso dos diários, os participantes relatam na plataforma Moodle como foi a interação, qual tema foi abordado, o que aprenderam e também ensinaram para o parceiro. Posteriormente, os mediadores respondem tais diários fornecendo feedback por meio de algumas perguntas que levem o aluno a observar outros aspectos sobre a interação e seu aprendizado. Nas sessões de mediação em grupo, os participantes se dispõem em uma roda de conversa e partilham suas experiências vividas em cada interação. Tais discussões são conduzidas pelo(s) mediador(es). Diferentemente dos diários, na roda de conversa, os participantes interagem também entre si, compartilhando aquilo que foi discutido na sessão de interação de Teletandem.

Diante das sessões de interação e mediação realizadas na UNESP de Araraquara, esta pesquisa se voltou para a mediação realizada em forma de rodas de conversa a fim de investigar a maneira como ela é realizada, bem como o papel do mediador neste processo, visto a importância de um terceiro indivíduo que se insere no processo de ensino e aprendizagem, a fim de conduzir e promover uma reflexão sobre tal processo.

1.1 Objetivos e Perguntas de Pesquisa

O objetivo geral da pesquisa foi investigar de que forma a mediação é usada no Teletandem para fomentar o processo de reflexão no ensino e aprendizagem colaborativos em tal contexto. Desta forma, propôs-se:

A) Analisar as questões norteadoras usadas pelos mediadores para conduzir a dinâmica da mediação no Teletandem;

B) Entender de que forma o mediador usa essas questões na mediação no Teletandem para fomentar a reflexão dos participantes sobre sua aprendizagem nesse contexto;

A fim de atingir tais objetivos, visou-se responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1) Que aspectos da interação de Teletandem são levados em conta pelos mediadores para a elaboração das perguntas norteadoras durante a mediação?

2) Como os mediadores usam as perguntas na mediação para auxiliar os participantes a refletir sobre sua aprendizagem em contexto de Teletandem?

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial Teórico

Nesta seção, encontra-se o arcabouço teórico utilizado como embasamento deste trabalho. A princípio, tem-se uma descrição a respeito da aprendizagem colaborativa *in-tandem*, bem como o surgimento do projeto Teletandem e os princípios que norteiam a prática. Em seguida, discute-se a questão da mediação neste contexto e as diferentes formas com que esta tem sido realizada no projeto.

2.1.1 Teletandem

De acordo com Vassallo e Telles (2006), a aprendizagem colaborativa *in-tandem*, consiste em sessões regulares nas quais falantes nativos/proficientes de línguas diferentes se encontram com objetivo de aprender a língua do outro. Desta forma, cada participante é hora aluno da língua que objetiva aprender, hora tutor de sua língua materna, ajudando na aprendizagem de seu parceiro.

Devido à dificuldade geográfica e econômica de se realizar o tandem presencial, o Projeto Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos, surge como uma medida alternativa. Primeiramente, as sessões ocorriam por e-mail, no chamado *e-Tandem*. Porém, Telles e Vassallo (2006), buscavam maneiras de se manter as interações orais, assim como na forma tradicional do Tandem, e não focar apenas nas práticas de leitura e escrita. Assim, por meio de *softwares*, como o *Skype*, os autores perceberam que os interagentes poderiam pôr em prática habilidades de fala e compreensão oral (por meio de *webcams* e áudio) sem deixar de explorar também as habilidades voltadas à escrita e leitura (por meio dos *chats*) (VASSALLO; TELLES, 2006).

A aprendizagem colaborativa possui três princípios: o da separação de línguas; o da reciprocidade; e o da autonomia. Pelo primeiro, Vassallo e Telles (2009), afirmam:

(...) este primeiro princípio básico também não deixa de garantir que os parceiros tenham suas respectivas oportunidades de se comunicarem na língua em que são proficientes, principalmente ao tentarem atingir objetivos

comunicativos na língua-alvo que seriam demasiadamente difíceis ou desafiadores. (VASSALLO; TELLES, 2009, p. 24)

Quanto à reciprocidade, os autores alegam que os participantes “trocam os papéis” durante a interação de Teletandem, sendo aluno da língua alvo e *expert* de sua língua materna ou da qual é proficiente. Desta maneira, o tempo das sessões de interação é dividido de forma equivalente, para que ambas as línguas possam ser praticadas sem que o uso de uma delas se sobressaia quanto à outra.

No que concerne ao princípio da autonomia, os autores apontam para a independência que os participantes têm durante as interações, além de “controlar os níveis de responsabilidade e poder que o falante proficiente pode ter sobre o processo de aprendizagem do parceiro” (VASSALLO; TELLES, 2009, p. 24).

Portanto, tendo como base Telles e Vassallo (2009), pode-se diferenciar o Teletandem de uma mera conversa pois os interagentes, a partir dos princípios citados, se encontram regularmente com o objetivo de aprender a língua estrangeira do parceiro, colocando em prática as quatro habilidades comunicativas (de leitura, escrita, produção e compreensão oral). Assim, sendo os participantes nativos/proficientes de suas respectivas línguas, questões linguísticas e culturais serão discutidas, dando à conversa um teor didático.

2.1.2 Mediação

Como afirma Vassallo e Telles (2006, p. 102), o objetivo da aprendizagem colaborativa *in-tandem* não visa somente ao sucesso das interações, mas sim ao desenvolvimento da competência linguística e cultural dos participantes. Para isso, tem-se a mediação e o papel do mediador como elementos fundamentais em um contexto telecolaborativo.

Levando em conta as sessões de mediação ocorridas na UNESP de Araraquara, esta pode ser definida por um momento em que colaboradores do Teletandem (sejam eles graduandos ou pós-graduandos, com experiência no projeto) dedicam-se a auxiliar os interagentes na reflexão a respeito de sua própria prática, bem como ajudá-los nos possíveis contratempos e desafios encontrados durante as sessões de interação. De acordo com Salomão (2008), o mediador caracteriza-se por ser um par mais competente que, em termos Vygotskyanos, mediará a aprendizagem dos interagentes.

Com base em Vygotsky e nos princípios sócio-interacionistas, Telles e Maroti (2009, p.39) afirmam que o processo de ensino e aprendizagem em Teletandem insere-se na *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP). Nela, encontram-se dois níveis de desenvolvimento, o real e o potencial, sobre os quais Andreu-Funo (2015) afirma que

O primeiro (*real*) caracteriza-se pela habilidade do aprendiz de realizar tarefas de modo independente e o segundo (*potencial*) caracteriza-se pelas funções potenciais que esse aprendiz pode desempenhar com a ajuda de um parceiro que exerça o papel de especialista e lhe ofereça alguma forma de suporte. (ANDREU-FUNO, 2015, p. 39)

Sendo assim, por meio do princípio da autonomia, os interagentes são responsáveis pelo seu próprio aprendizado, traçando seus objetivos e, juntamente com seu parceiro, definindo a forma como trabalharão para alcançar tais propósitos. Apesar disso, como afirmam Evangelista e Salomão (2019), por si só, os interagentes podem não ser capazes de explorar todo o potencial que o contexto de aprendizagem colaborativa oferece. Desta forma, a figura do mediador se insere, sendo ele um parceiro de discussão.

O mediador tem a responsabilidade de fomentar discussões, instigando os participantes a atentarem-se sobre os momentos da interação. Por meio de suas experiências, é capaz de ajudá-los a refletir sobre os aspectos linguísticos e culturais, preocupando-se com e participando do processo de ensino e aprendizagem dos interagentes.

2.1.3 Tipos de mediação

Considerando a importância da mediação, Evangelista e Salomão (2019) caracterizam três tipos distintos de mediação realizados nas sessões do Teletandem.

O primeiro descrito pelas autoras é a **mediação individual**, que se caracteriza pela presença de um mediador para cada participante. Este tipo de mediação ocorria na UNESP de São José do Rio Preto (SP) nos primórdios do Teletandem, uma vez que as turmas possuíam um número restrito de participantes. As autoras comentam, ainda, que as sessões com os interagentes brasileiros eram agendadas presencialmente ou *online*.

Em seguida, Evangelista e Salomão (2019) discorrem a respeito da **mediação em grupo**. De acordo com Telles (2015, p. 607) há uma diferença entre sessões de orientação, que segundo o autor ocorre antes das sessões de Teletandem, e as sessões de mediação, que são conduzidas ao final de cada interação. A mediação em grupo foi a forma usada pelas mediadoras da turma analisada nesta pesquisa. Ao final de cada interação, um (ou dois) mediadores se reúnem em uma mesa presente no laboratório da FCLAr para discutirem a respeito das interações. Além das reflexões feitas com o auxílio do mediador, a roda de conversa proporciona um ambiente no qual os interagentes compartilham suas experiências com os próprios colegas, podendo aprender juntos e também ajudar uns aos outros.

Por fim, as autoras dissertam a respeito da mediação por meio de **diários reflexivos**. Estes também são utilizados no Teletandem realizado na UNESP de Araraquara. Por meio da plataforma Moodle, disponível através do site da FCLAr¹, os interagentes podem encontrar informações sobre o Teletandem, listas de temas para as interações, bem como questionários iniciais e finais, aplicados para todas as turmas.

Além disso, é disponível, para cada turma, uma seção na qual os participantes possam escrever os diários. Estas são identificadas pela língua estrangeira e data de cada interação. Ao final de cada sessão via *Skype*, os participantes discorrem a respeito da interação, expondo suas dificuldades, temas discutidos, vocabulário aprendido/ensinado, dentre outros. Estes diários reflexivos são lidos e respondidos pelos mediadores, oferecendo o feedback de forma individual. Além das dicas e comentários dos mediadores, os interagentes podem encontrar, na plataforma Moodle, outras perguntas e sugestões para serem trabalhadas nas próximas interações.

Desta forma, é possível alegar que a mediação e a figura do mediador se fazem necessárias para o processo de ensino e aprendizagem colaborativo. Como asseguram Evangelista e Salomão (2019), a mediação permite que os participantes entendam as sessões como algo além de uma conversa, sendo um exercício de autonomia e reflexão sobre a prática.

2.2 Metodologia

2.2.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa possui um caráter qualitativo. De acordo com Dörnyei (2007), este tipo de metodologia caracteriza-se por dados que, a princípio, não são numéricos, na qual a análise é realizada por métodos não estatísticos.

Com isso, tem-se uma análise interpretativa dos dados, na qual é possível se obter interpretações alternativas. Ao final, os resultados são obtidos a partir da visão subjetiva do pesquisador. Como exemplifica Dörnyei (2007, p. 37-38)

A pesquisa qualitativa trabalha com uma ampla gama de dados incluindo entrevistas gravadas, vários tipos de textos (por exemplo, notas de campos, diários e anotações diárias, documentos) e imagens (fotos ou vídeos). Durante o processamento de dados, a maioria deles é transformado em formas textuais (por exemplo, entrevistas gravadas são transcritas) porque a

¹ Link de acesso: <<https://www.fclar.unesp.br/#!/instituicao/administracao/informatica/apoio-ao-ensino/moodle/>>.

maioria das análises de dados qualitativos são feitas com palavras (...).
(tradução nossa)²

Desta forma, assim como foi pontuado pelo autor, no presente trabalho, a transcrição das mediações e das entrevistas foram utilizadas para que a análise fosse feita. Isso posto, a metodologia qualitativa torna-se fundamental na busca pela compreensão do papel do mediador como fomentador do processo de reflexão dos interagentes em contexto de Teletandem.

2.2.2 Descrição do contexto e dos participantes de pesquisa

Como contexto de realização desta pesquisa, teve-se o *Projeto Teletandem Brasil* que se desenvolve na Unesp de Araraquara (FCLAr). Em parceria com diversas universidades estrangeiras, o projeto oferece turmas de inglês, espanhol, francês, italiano e alemão. Os interagentes brasileiros (e de diversos cursos de graduação e pós-graduação do campus), voluntariamente, se inscrevem no projeto com o objetivo de praticar uma língua estrangeira. Desta forma, as horas dispostas para tal interação podem ser usadas como carga horária complementar ou simplesmente como uma oportunidade de prática da língua estrangeira.

As interações da turma analisada ocorreram no primeiro semestre de 2018, no qual havia quatorze interagentes brasileiros, alunos de graduação e pós-graduação do campus de Araraquara. Durante cinco semanas, entre os meses de março e abril, os interagentes se encontravam, por meio do *Skype*, às terças-feiras, no período matutino. Os participantes brasileiros interagem com alunos da Universidade de Harvard, em Boston – EUA.

Após as interações via *Skype*, com duração de uma hora (trinta minutos para a prática da língua inglesa e outros trinta para a prática da língua portuguesa), os alunos da FCLAr participavam das sessões de mediação. Realizada por meio de roda de conversa, os alunos dispunham-se ao redor de uma mesa, presente no laboratório de idiomas, no qual, juntamente com as mediadoras, tinham em torno de trinta minutos para refletirem sobre as interações. No último dia de interação, os participantes brasileiros utilizavam estes trinta minutos para preencherem um questionário final, no qual poderiam expor suas constatações a respeito de suas experiências vivenciadas no Teletandem.

Nessa turma em questão, haviam duas mediadoras (identificadas nesta pesquisa como “mediadora 1” e “mediadora 2”). Em entrevista com ambas as colaboradoras, realizadas em

²No original: “Qualitative research works with a wide range of data including recorded interviews, various types of texts (for example, field notes, journal and diary entries, documents) and images (photos or videos). During data processing most data are transformed into a textual form (for example, interview recordings are transcribed) because most qualitative data analysis is done with words (...).” (Dörnyei, 2007, p. 37-38)

fevereiro de 2019, pôde-se compreender o envolvimento das mesmas com o projeto. A mediadora 1, no momento em que a entrevista foi realizada, era estudante do quarto ano de Letras da UNESP Araraquara e estava em intercâmbio em Coimbra, Portugal. Ela afirmou ter conhecido o projeto por meio de uma colega que participava e apresentou-o a ela. Em seu segundo ano de graduação, quando surgiu uma oportunidade de bolsa para auxílio no laboratório de idiomas, a mediadora comenta que foi indicada pela colega a uma das coordenadoras do projeto e assim, desde 2016, pôde ter um contato mais próximo com o Teletandem. Depois deste contato, ela passou a atuar no laboratório e também a desenvolver pesquisa (Iniciação Científica) sob a orientação da Prof^a Dra. Ana Cristina B. Salomão, na qual estudava a contribuição do Teletandem para o desenvolvimento intercultural dos aprendizes de línguas estrangeiras.

Quanto à mediadora 2, esta é formada em Letras, também pela UNESP Araraquara, e no momento da entrevista, estava no segundo ano do Mestrado em Estudos Literários. A pós-graduanda afirmou que devido a outros projetos no qual se envolveu, como o Centro de Línguas, ela pôde conhecer a Prof^a Dra. Ana Cristina e assim, recebeu um convite da mesma para participar do Teletandem. Desta forma, ela contou que no primeiro semestre de 2015 pôde participar do projeto, como interagente, que na época estava integrado com as aulas de inglês do curso de Letras.

A partir disso, ela afirmou ter começado a atuar no projeto como monitora/mediadora. Algo interessante pontuado por ela, era que, no princípio, quando o projeto teve início na UNESP de Araraquara, as mediações eram realizadas por meio de diários reflexivos, na plataforma Moodle. A partir do segundo semestre de 2017, as mediações passaram a ser realizadas em roda de conversa. Na análise dos dados, foi possível observar, de forma mais detalhada, as perspectivas das mediadoras em relação a essas questões.

2.2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados, como instrumentos de coleta de dados, a gravação das mediações da turma em questão, uma entrevista realizada com ambas as mediadoras e também as respostas dadas pelos participantes do teletandem em um questionário final sobre as mediações.

As sessões de mediação são gravadas em áudio e vídeo, e foram recolhidas no laboratório de idiomas da FCLAr no segundo semestre de 2018. Em seguida, foram transcritas pela pesquisadora, com o objetivo de identificar quais eram as questões norteadoras usadas pelas mediadoras, bem como os aspectos da mediação que eram levados em conta para

promover a reflexão dos interagentes sobre o processo de ensino e aprendizagem em um contexto telecolaborativo.

Após a transcrição das mediações, foi realizada uma análise temática interpretativista, que buscou observar a maneira como as mediadoras conduziam a turma, bem como os aspectos e temas que eram ressaltados. Desta forma, uma entrevista foi elaborada pela pesquisadora e realizada com ambas as mediadoras, individualmente. Estas entrevistas também foram gravadas em áudio e transcritas, a fim de se conhecer e identificar as estratégias usadas por elas na condução das mediações.

Por fim, as respostas dos interagentes presentes no questionário final, sob as perguntas “O que achou da mediação?” e “De que forma a mediação auxiliou (ou não) sua participação no teletandem?”, foram utilizadas com o objetivo de constatar a opinião dos mesmos, a respeito das mediações e a forma como as mediadoras os auxiliaram no processo de reflexão sobre as sessões de interação. Tal questionário é aplicado para todas as turmas, na última interação, tendo sido elaborado pelas coordenadoras do projeto e aplicado através do *Google Forms*.

2.2.4 Forma de análise dos dados

A partir da transcrição das mediações, foi possível observar, por meio das perguntas feitas pelas mediadoras, a recorrência de alguns temas, como a questão linguística e cultural. Além disso, notava-se uma preocupação das mesmas em retomar conceitos teóricos da aprendizagem telecolaborativa, além de se manter uma certa continuidade dos temas, bem como possíveis desafios enfrentados pelos interagentes, nas interações. Desta forma, os dados obtidos foram separados em quatro categorias de análise, descritas na sessão a seguir.

Com isso, a entrevista realizada com as mediadoras da turma, composta por quinze perguntas³, foi desenvolvida a fim de obter o ponto de vista das colaboradoras a respeito da mediação e de sua atuação como auxiliadoras do processo de reflexão dos interagentes. Desta forma, em cada categoria as constatações feitas durante o levantamento de dados foram correlacionadas com as respostas das mediadoras na entrevista.

Para que as mediações e as entrevistas fossem transcritas, foram utilizados determinados símbolos que correspondem a aspectos presentes na fala dos interagentes e das mediadoras, descritos no quadro a seguir:

³ A entrevista se encontra nos anexos.

Quadro 1: *Símbolos utilizados para a transcrição das mediações e entrevistas*

Símbolo utilizado	O que representa
(incompreensível)	Não foi possível compreender o que foi falado
...	Pausas realizadas na fala
“ ”	Momento em que o interagente proferiu a fala do parceiro.
()	Observações da pesquisadora
(?)	A compreensão foi realizada, mas não se tem certeza.
-	Algo estava sendo dito mas foi interrompido ou melhor reformulado em outra frase.
(meu/minha parceiro(a))	O interagente citou o nome do parceiro no exterior

Fonte: elaboração própria

Para que a identidade dos interagentes e das mediadoras fossem preservadas, seus nomes foram omitidos. Portanto, as mediadoras foram identificadas por números, enquanto os interagentes foram indicados por letras, em ordem alfabética. Dentre os excertos, as letras foram repetidas, porém indicam interagentes diferentes. Se no mesmo excerto alguma letra se repetir, esta representa a fala da mesma pessoa. Além disso, sendo as mediadoras o foco principal desta pesquisa, os excertos que apresentam suas falas possuem cores (verde para a mediadora 1 e azul para a mediadora 2).

As respostas dos questionários se encontram na última categoria, com o objetivo de obter o *feedback* dos participantes a respeito da mediação. Ao final de cada excerto foi identificado, entre parênteses, a qual mediação/entrevista/questionário a informação descrita pertence, bem como a data de sua realização.

2.3 Análise dos dados

As análises foram divididas em quatro categorias, observadas a partir da transcrição das mediações, das respostas dadas pelas mediadoras na entrevista e também a partir do *feedback* dado pelos interagentes no questionário final. Desta forma, as categorias foram separadas como: menção aos conceitos teóricos sobre Teletandem; correção de erros e *feedback*; fomento à discussão; continuidade nas mediações. Em cada uma delas, foi feita uma breve introdução a respeito do aspecto da mediação que foi desenvolvido, juntamente com excertos transcritos das mediações, das entrevistas realizadas com ambas as mediadoras e, na última categoria, alguns comentários feitos pelos participantes da turma contidos no questionário aplicado no último dia de interação.

2.3.1 Menção a conceitos teóricos sobre Teletandem

A aprendizagem colaborativa *in-tandem* baseia-se em três princípios, sendo eles: a separação de línguas, a autonomia e a reciprocidade. Quanto ao primeiro, “os parceiros devem tentar manter a igualdade de status das línguas dentro da parceria, assim como a instrumentalização do uso separado delas durante as sessões” (SALOMÃO; SILVA; DANIEL; 2009, p. 88), ou seja, o tempo de uso das línguas durante a interação deve ser respeitado, para que os interagentes utilizem de diferentes estratégias objetivando a manutenção da comunicação em ambos os idiomas.

Quanto ao segundo princípio, o da autonomia, os participantes são livres para traçar seus objetivos, delimitando os assuntos, as estratégias, as correções e a forma que farão para que a aprendizagem ocorra. No que cabe ao princípio da reciprocidade, os participantes devem trabalhar em conjunto, sendo responsáveis por ajudar o parceiro com seus objetivos, de forma a manter a relação colaborativa igualitária.

Os princípios são retomados de alguma forma nas mediações, com o auxílio dos mediadores. A questão da separação de línguas é recorrente. Muito participantes comentam sobre suas experiências com o idioma durante a mediação, seja pela fluidez na conversa ou por dificuldades no momento da prática. Como veremos no excerto a seguir, a mediadora traz essa questão da separação de línguas por meio de uma experiência pessoal, objetivando a reflexão dos participantes sobre essa questão.

Excerto 1

Mediadora 2: Legal... Adorei vocês falarem isso do “trocar a língua”, porque ontem eu falei com uma menina, aí ela falava uma frase em português e uma frase em italiano, aí ela trocava, dava tela azul assim na cabeça, aí eu parava e voltava. Ai depois ela passava pro italiano de novo, passava pro português do nada. Mas é interessante porque a gente fala do *code-switching* - que é de ficar trocando a língua - não sei se aconteceu com vocês hoje. A gente as vezes pede pra evitar mas também é inevitável, porque depende do nível da língua... Aconteceu isso com vocês? De ficar trocando.

Interagente A: Uma coisa que eu achei interessante nessa interação, é que foi a primeira vez que eu pelo menos não misturei as línguas, eu consegui falar meia hora em português e meia hora em inglês. Porque nas outras interações, meus parceiros eram um nível de português um pouco inferior, então por exemplo: na minha primeira interação a (minha parceira) não falava nada, então a gente ficava uma hora conversando com inglês. Ai com o (meu outro parceiro) a gente já conversava um pouco melhor, mas ele ainda tinha muito esse negócio de trocar, porque na casa dele era português e inglês toda hora. Agora não, foi meia hora em português e meia hora em inglês e eu achei isso muito interessante.

Mediadora 2: E foi melhor assim ou não..?

Interagente A: eu acho que foi melhor porque dá pra você estabelecer uma linha de raciocínio contínuo. Quando você fica trocando muito, você fica se perdendo... Então hoje deu pra conversar assim... linear.

(Transcrição da primeira mediação no dia 20/03/2018)

Tendo as mediadoras fomentado questões acerca da separação de línguas, nota-se, na resposta da interagente, que respeitar o tempo destinado a cada língua é mais produtivo, em sua opinião, pois segue-se uma linha de raciocínio, de modo a não se confundir durante a sessão. Porém, mesmo com o princípio da separação de línguas, cada interagente opta por uma maneira que será melhor para si e para o parceiro. Diferentemente da interagente acima, o interagente B, optou por outra maneira de seguir a interação, afirmando que, mesmo não separando as línguas igualmente em questão de tempo, foi interessante para ele.

Excerto 2

Interagente B: Hoje, a gente, sei lá... simplesmente rolou que algumas frases, a gente queria falar em inglês e aí a gente falava, começava o assunto e ela falava, falava, falava e eu entendia, mas na hora de eu falar eu não conseguia, eu falava português e depois eu voltava pro inglês e ficou nessa assim, durante uma hora, e muito bom também, gostei bastante. Quando eu tinha a frase na cabeça eu falava e ela corrigia ou falava uma palavra e perguntava, mas essa troca assim, sem essa meia de hora de tal coisa e meia hora de tal coisa, facilitou bastante pra mim...

Mediadora 2: Você acha que deu para as duas pessoas falarem a mesma quantidade de tempo as duas línguas? Mesmo fazendo assim?

Interagente B: Sim, deu. Porque às vezes eu queria explicar alguma coisa mais longa, e explicava em português que era bem mais fácil, e as vezes ela queria explicar em inglês porque era mais fácil pra ela e a gente começou a falar de gramática também, então as vezes a gente explicava metade em português, metade em inglês... Ficou muito bom.

(Transcrição da terceira mediação no dia 03/04/2018)

Nota-se que muitas vezes o nível de fluência dos interagentes interfere na maneira como distribuem o uso da língua alvo. O interagente B afirma ter sido mais fácil, tanto para ele quanto para a parceira, explicar temas e até mesmo questões gramaticais na língua materna. Segundo Vassallo e Telles (2009), a separação de línguas é uma garantia de que ambos os interagentes terão a oportunidade de se comunicarem na língua em que são proficientes, principalmente ao enfrentarem situações desafiadoras. Ademais, os autores afirmam que este princípio é importante e acreditam que “ele incentive e, ao mesmo tempo, desafie os aprendizes a falar a língua-alvo, mesmo se, para eles, falar a língua de proficiência seja mais fácil e rápido para atingir seus objetivos de comunicação” (VASSALLO; TELLES, 2009, p. 24).

Apesar do princípio da separação de línguas garantir o status de ambas, proporcionando aos interagentes um ambiente no qual eles possam explorar seus conhecimentos no idioma, nota-se que muitas vezes os pares optam por maneiras diferentes

para que a interação ocorra, como é o caso do interagente B no excerto 2. Este fato se dá devido a outro princípio, o da autonomia. Sendo os pares responsáveis pelo seu próprio aprendizado, cabe a eles decidirem a forma como a interação será conduzida. Sendo assim, é possível perceber que em termos práticos nem sempre a separação de línguas ocorre, embora este princípio seja abordado pelas mediadoras.

Em entrevista com a mediadora 1, na qual foi perguntado que aspectos da interação do Teletandem eram usados para elaborar as perguntas na mediação, percebe-se que ela tem consciência da necessidade de fazer com que os participantes reflitam sobre a equidade das línguas. Sendo as mediadoras participantes experientes no Teletandem, elas têm conhecimento dos conceitos teóricos trazidos por Vassalo e Telles. Além do mais, por meio de suas próprias experiências, elas enfatizam a importância de se administrar o tempo para que ambas as línguas sejam praticadas.

Excerto 3

Mediadora 1: (...) da separação de línguas, a gente perguntava bastante, porque a gente acha que é importante você separar bem o momento das línguas, pra que os dois tenham oportunidades de praticar a língua estrangeira, entender que é tão importante quanto você participar, falar o inglês com o seu parceiro, é importante pro seu parceiro falar em português com você... pra levar eles a refletirem sobre essa... não necessidade... a importância da contribuição deles pro aprendizado do outro (...)

(Transcrição da entrevista com a mediadora 1 no dia 1º/02/2019)

Diante de respostas diferentes, as mediadoras procuram saber como os outros interagentes agem a respeito de tal separação das línguas. Pode-se dizer que a maioria deles, respeita o uso igualitário dos idiomas, alternando apenas em momentos pontuais.

Excerto 4

Mediadora 1: Alguém mais fez esse tipo de troca? Assim, sem ser meia hora, meia hora?

Interagente A: Ah, só mais pra correção de algum termo, por exemplo, estava com dificuldade pra entender algum termo, alguma sentença ali, vamos fazer esse tipo de alteração, assim...

Interagente B: Eu acho que é mais pontual mesmo, uma coisa assim: “ah, como fala tal coisa?”. Aí você pergunta e a pessoa fala e você continua falando em português ou em inglês.

Mediadora 2: É que eu sei que às vezes a minha parceira, ela não sabia umas coisas em português, aí ela falava em inglês. Só que eu não sei se nesse momento vocês já começam a falar inglês de novo ou vocês prendem ao português...

Interagente B: Não... eu retomo pro português. Se ela pergunta “ah, como que eu falo...” tipo, ela forma uma frase inteira, eu falo pra ela o que ela falou e aí a gente continua

conversando.

Interagente C: (...) E quando a gente está a uma meia hora falando português, por exemplo, e ele precisa falar algo em inglês, pra eu entender em português, a gente volta a falar português. Ou se tiver na meia hora do inglês, ele quer falar algo em português, a gente volta pro inglês, normal, entendeu? Não interfere me nada.

(Transcrição da terceira mediação no dia 03/04/2018)

Devido à afirmação de que a alteração dos idiomas ocorre em momentos específicos, a mediadora 2 procura confirmar se, após terem respondido alguma questão, tirado alguma dúvida do parceiro, os interagentes procuram voltar para o idioma em que a conversa estava. Tanto a interagente B, quando o C, afirmam fazer esta transição entre as línguas e manter a fluidez da conversa.

A partir dos excertos acima, observa-se que os princípios do Teletandem são retomados nas mediações. Quando questionadas a respeito, as mediadoras evidenciam a separação de línguas como um princípio que sempre é retomado. Tal fato se dá pois a reciprocidade e autonomia se encontram atreladas a temas como correção, preparação de materiais, gírias e expressões que os parceiros trocam durante as interações, assim como fotos e músicas que são usadas para conhecimento de cultura.

Excerto 5

Entrevistadora: Você tenta, de alguma forma, apontar/retomar os princípios do Teletandem na mediação? Seja quanto a separação de línguas, ou no momento da correção que é algo negociável e envolve o princípio da autonomia?

Mediadora 1: Sim, sempre! Como eu disse em alguma questão anterior, eram esses os aspectos principais que a gente trazia durante a mediação e tinha outros que surgiam ali naturalmente, mas... acho importantíssimo e eu fazia isso sim. Perguntava da separação de línguas e explicava a importância das línguas serem separadas pra ter os dois momentos... até porque... a intenção do Teletandem é de você desenvolver ali a sua capacidade de aprendizagem, então se você não separar as línguas e toda vez que ocorre um problema você volta pra sua língua materna, em que momento você está aprendendo? Então, a gente tentava, sim, passar essa visão pros interagentes e também... (...)

Entrevistadora: Você acha importante que os mediadores, pra exercer o seu papel ali na mesa, que seja interessante sempre retomar esses princípios também?

Mediadora 1: Exatamente, com certeza. Porque como sempre a gente fala, o Teletandem não é só uma conversa, tem toda a questão de aprendizagem aí por trás e uma aprendizagem colaborativa e pra ela ser colaborativa, temos que respeitar os princípios, então eles eram sim trazidos pra mesa de mediação.

(Transcrição da entrevista com a mediadora 1 no dia 1º/02/2019)

A mediadora 1 explica que o Teletandem é um contexto de ensino e aprendizagem, sendo importante seguir e abordar nas mediações todos os princípios. Tal justificativa por

parte dela ocorre devido a sua visão de aprendizagem nesse contexto, no qual ela acredita que a separação das línguas colabora para a aprendizagem dos participantes. Sob a mesma pergunta, a mediadora 2 comenta sobre o princípio da autonomia, citando a preparação de material que os participantes podem usar nas sessões com seus parceiros.

Excerto 6

Mediadora 2: (...)dos princípios, separação de línguas eu falo, autonomia de preparação de material, eu falo mas eu deixo livre, tipo, você quer preparar tudo bem, se você quiser posso te disponibilizar um material, te dar dicas, o pessoal também as vezes compartilha, mas se você quiser vir e conversar, fique livre, só que você vai ter que saber quais são seus objetivos e saber se isso vai ser agradável pra você. Teletandem é muito você pensar como que vai ser a sua interação, o que você quer extrair daquilo, pra ser prazeroso... E eu acho que é isso que a gente ressalta, né?

(Transcrição da entrevista com a mediadora 2 no dia 28/02/2019)

Por fim, pode-se concluir que os princípios do Teletandem estabelecem certa relação entre si. De acordo com Salomão, Silva e Daniel (2009, p.79-80), a autonomia e a reciprocidade estão interligadas de forma íntima. Em contexto de Teletandem, os princípios não são vistos de maneira separada, “mas com o outro e em colaboração com o outro”.

Apesar do princípio da separação de línguas ter sido mais discutido, é possível encontrar a autonomia e a reciprocidade em outros momentos da interação e da mediação. Como citado pela mediadora 2, a preparação de material é algo que diz respeito à autonomia que os participantes têm, decidindo se preferem combinar temas ou deixar que a conversa flua livremente. Outro momento em que a autonomia e a reciprocidade estão presentes, é em relação à correção, abordada na próxima categoria.

2.3.2 Correção de erros e *feedback*

Durante as mediações do Teletandem, o tópico “correção” torna-se recorrente. Nas sessões, os interagentes são livres para acordar se haverá, e como será dado, o *feedback* em relação à língua. Tal acordo é possível devido ao princípio da autonomia. Vassalo e Telles (2006) afirmam que este princípio se torna relevante, pois, de certa maneira, controla os níveis de responsabilidade que o falante proficiente pode ter sobre a aprendizagem do parceiro. Isso ocorrerá em ambas as línguas, de maneira que os participantes tenham este compromisso com a aprendizagem do outro. Desta forma, encontra-se atrelado à autonomia, o princípio da reciprocidade, como afirmam Salomão, Silva e Daniel (2009).

Na turma analisada, havia alguns alunos estrangeiros que moram nos Estados Unidos há algum tempo ou, mesmo que sejam estadunidenses, têm na família pessoas de outras nacionalidades. Desta forma, nem sempre o inglês é a língua materna desses participantes. Como pode-se observar nos trechos a seguir, alguns interagentes brasileiros comentam que seus parceiros têm o espanhol como primeira língua:

Excerto 7

Interagente A: (...) E assim, a moça que eu estou conversando ela é Colombiana e mora nos Estados Unidos, então ela confundia muito as palavras em espanhol e como eu entendo espanhol, eu esquecia de corrigir ela. Mas foi muito legal, foi uma experiência assim... foi meio “portunhol” com “portunhol” e inglês, assim...

Interagente B: É, eu tive uma experiência similar também, como ela, o fato de ele ser espanhol também e as vezes um “nosotros” ali, assim, mas...

(Transcrição da primeira mediação no dia 20/03/2018)

Excerto 8

Interagente C: Eu corriji ela uma vez, porque ela fala espanhol e ela estava misturando algumas vezes, ela falou “eu hay”, pra “ter” (eu não falo espanhol, não sei se esse é o verbo em espanhol) e acho que foi só isso. Ela não chegou a corrigir nenhuma vez, eu pedi pra ela me corrigir, ela pediu pra eu corrigir ela também, mas eu achei que ela misturava com o espanhol mas não era uma coisa que precisava de correção, porque depois ela falando em português, ela só estava misturando, um *code-switching* (incompreensível)

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

É interessante notar que, devido à semelhança linguística entre o espanhol e o português, os interagentes brasileiros corrigiam seus parceiros somente em alguns momentos, visto que eles alegavam que determinada troca linguística não comprometia o entendimento do que estava sendo dito. O interagente C afirma ter combinado com o parceiro que a correção fosse feita, porém, não sentiu a necessidade de interromper a interação para fazer tais correções.

A partir destes comentários, as mediadoras buscavam saber se havia um momento para a correção e como isso acontecia. Um dos interagentes comenta que estabeleceu uma forma de correção com seu parceiro. Em contrapartida, outro participante afirma não ter corrigido o parceiro, justificando tal fato por ser a primeira interação.

Excerto 9

Mediadora 2: E com isso vocês corrigiam...?

Interagente A: Sim, eu corrigia.

Mediadora 2: Vocês estabeleceram uma forma de correção?
Interagente A: Sim, sim, sim...
Mediadora 1: E os outros, também? Vocês corrigiram alguma coisa? Ou foram corrigidos?
Interagente B: Eu acho que não, porque como é a primeira interação também, a pessoa fica um pouco, né.... Então eu acho que deixar pra corrigir depois na próxima interação (incompreensível).

(Transcrição da primeira mediação no dia 20/03/2018)

Isso mostra como os participantes são livres para escolherem quando, como e se querem que a correção seja feita. Alguns se sentem mais à vontade para acordar sobre determinados assuntos, outros preferem não tomar tal atitude logo na primeira interação. Isso varia entre os participantes e está ligado à forma com que a afinidade com o parceiro é desenvolvida. Assim, a mediação é o momento ideal para que, por meio das questões propostas pelas mediadoras, os participantes possam refletir sobre aspectos como este. Ainda na primeira mediação, alguns participantes compartilharam a maneira pela qual optaram por corrigir seus parceiros:

Excerto 10

Interagente A: (...) Então ela já tem um conhecimento assim, ela sabe falar muito bem português... E nas vezes que ela errou alguma coisa, ela me perguntava e eu corrigia ela, uma conjugação de verbo, um adjetivo, um substantivo que às vezes ela não conseguia, ela falava e eu tentava desvendar o que ela estava falando pra ajudar, e com o mesmo em inglês, às vezes eu não sabia falar uma palavra, eu começava a descrever aquela palavra e ela me passava a palavra. Foi uma interação muito interessante, foi bem legal.
Interagente B: Eu procurei sempre, quando a gente estava conversando em português, eu procurei sempre dizer vários sinônimos na frase pra ver se ela associava mesmo que ela não entendesse aquilo que eu estava perguntando, eu já ia falando outros sinônimos pra ela ir fazendo essa associação, pra conversa não ficar assim travada e a mesma coisa quando eu ia falar o inglês com ela e eu não entendia alguma coisa, aí eu já começava a descrever pra não parar a conversa e ela já ia me entendendo. Mas eu percebi que eu entendo muito mais ela falando, eu lembro das palavras, mas quando eu vou falar inglês trava, parece que apaga da minha memória, tem hora que ela fala e eu “é isso que eu queria falar”.

(Transcrição da primeira mediação no dia 20/03/2018)

De certa forma, ambos os interagentes optaram por uma maneira de correção parecida. Apesar de o interagente A corrigir questões gramaticais e o interagente B se apoiar nos sinônimos, os participantes descreviam aquilo que queriam dizer, seja um substantivo, adjetivo, verbo, a fim de manter a comunicação fluida e se permanecerem no idioma em que estavam conversando.

Na segunda interação, foi feito um trio no qual duas alunas brasileiras conversaram com um parceiro no exterior. Com elas, a experiência foi diferente, pois afirmam ter recebido ajuda do parceiro quanto ao próprio português. Na aprendizagem colaborativa é interessante observar como, além de ajudarmos o outro com a nossa língua materna, muitas vezes aprendemos ou passamos a refletir sobre nossa própria língua e cultura.

Excerto 11

Mediadora 2: Na questão das correções, vocês duas acharam a mesma coisa assim, que estava ok...?

Interagente A: Não, eu amei né?

Interagente B: Sim, é... Além dele saber muito bem português, então às vezes ele salvava a gente no português também, ele é professor de inglês então ele tem muita didática.... Parecia mesmo uma aula, a gente conversava “o que a gente vai falar agora?”. Aí partia de um assunto e sempre pontuando algumas coisas assim, muito legal.

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

Muitos alunos estrangeiros, seja pelo tempo de estudo ou pelo contato com a língua em algum outro momento, têm um nível de proficiência no português mais elevado. Porém, muitos ainda estão em níveis mais básicos. Uma participante, durante a mediação, compara a experiência atual com outra em que ela participou do Teletandem, no qual o parceiro anterior tinha um nível mais básico do português, diferentemente do parceiro atual.

Excerto 12

Interagente: Não sei explicar, mas eu sentia que no outro, como ele não sabia muito português, ele conseguia me ajudar muito no inglês, mas ele me ajuda também, é que tipo, eu sinto que eu corrijo mais ele do que ele a mim. Tipo assim, “ah, entendi, mas...”

Mediadora 2: E vocês estabeleceram isso de correção antes?

Interagente: É eu perguntei no primeiro dia, tipo “posso te corrigir”, e ele “pode”. Daí ele fala alguma coisa “ah, eu não ouço”, aí eu “não, não ouço”.

Mediadora 2: E você pediu pra ele pra ser corrigida?

Interagente: É, eu peço mais nesse sentido tipo, “ah, como que eu faço eu não consigo perguntar tal coisa, eu não sei falar tal palavra, como que pronuncia?”. E aí ele vai me ajudando assim...

Mediadora 2: Você acha que se você pedir pra ele pra quando você tiver falando ele te corrigir, talvez ele possa te corrigir?

Interagente: Eu acho que ele para e corrige também assim...

(Transcrição da terceira mediação no dia 03/04/2018)

A mediadora 2 procura questioná-la a fim entender se havia algum problema ou se eles haviam combinado a questão da correção, pois, muitas vezes, os participantes não estabelecem estas questões e, por isso, a correção não é feita. Presente na mediação deste dia,

a coordenadora do projeto faz um comentário interessante diante da situação apresentada pela interagente:

Excerto 13

Coordenadora: (...) essa questão da correção, eu acho que é bem importante que vocês sejam explícitos. Tem gente que não gosta de ser corrigido e tem gente que tem vergonha de corrigir. Então, se você quer ser corrigido, fala pra pessoa “se eu tiver falando errado, você me corrige de algum modo, escreve o jeito certo?”. Porque às vezes a pessoa fica sem graça né... Mesmo você corrigindo ele não percebe que na hora, ele não te corrige, né? É bem pra vocês negociarem isso. Tem gente que não gosta de ser corrigido, fala “não, eu estou treinando minha fluência, se ele me entendeu está bom”. Eu acho que é isso que é o Teletandem: o que que você quer, o que você pretende? Deixar bem claro pro seu parceiro nesse sentido o que você quer...

(Transcrição da terceira mediação no dia 03/04/2018)

A coordenadora aponta a importância de se estabelecer, negociar, aquilo que se busca na interação. Muitos participantes são mais tímidos e se sentem desconfortáveis em interromper o parceiro ou ser interrompido. Porém, se o objetivo do participante é identificar onde estão seus erros para melhorar sua fluência na língua, isso pode ser estabelecido entre os pares. Percebe-se que, de maneira implícita, a coordenadora aponta o princípio da autonomia, deixando claro que os participantes são livres para decidirem aquilo que se adéqua melhor para seu aprendizado.

Com isso, a mediadora 2 instiga a forma como os outros participantes estão lidando com a correção. Assim, pode-se notar que cada interagente escolhe e estabelece com seu parceiro, maneiras distintas de abordar determinadas questões.

Excerto 14

Mediadora 2: E as outras pessoas, como estão se sentindo em relação a correção?
Interagente A: Antes de começar a conversar, a gente já tinha estabelecido, eu falei: “conforme eu for falando alguma coisa que tiver errado você me corrige”... E a mesma coisa foi pro português, ele falou “ó, se eu tiver falando muito espanhol aí, você me dá uns toques...”
Interagente B: É, eu e meu parceiro, a gente não estabeleceu nada de início, mas a gente sempre se corrige e ajuda um ao outro.
Interagente C: Eu achei interessante que é a minha terceira vez fazendo Teletandem e eu nunca precisei pedir pra me corrigir, porque era uma coisa que acontecia naturalmente. Aí hoje, agora no final da interação, ela perguntou se eu gostaria de ser corrigida e eu achei que era uma coisa que já estava meio que subentendido, só que aí a gente conversou sobre as dificuldades que a gente tem, porque ela também não é nativa dos Estados Unidos, ela tem o espanhol como primeira língua. (...) Ela falou que é importante eu entender o que que eu errei e não a correção cru, assim. Então aí eu parei e pensei: eu nunca tinha pensado nisso e é uma forma que eu posso fazer com ela também que não vai ser assim “nossa, não sei falar isso”, então acho que vai ser mais fácil a

partir de agora a fazer essa correção assim, mais abrangente.

Interagente D: Às vezes nem é um erro, só não é usual. Porque no primeiro dia, acho, ele perguntou alguma coisa, eu falei “ah, não, a gente costuma falar assim”, aí ele “ah, eu queria meio que pegar isso, sabe? Tipo, não aprender a falar o português, eu quero aprender tipo, como vocês falam”. (...)

(Transcrição da terceira mediação no dia 03/04/2018)

Para muitos participantes, estabelecer uma forma ou um momento específico para realizar a correção, às vezes não é necessário, pois naturalmente, durante a conversa, a correção acontece, como comenta a interagente C ao relatar suas experiências anteriores no projeto. Porém, ao partilhar sua atual experiência, nota-se que sua parceira sentiu necessidade de se estabelecer um momento para a correção. Assim, como aponta a coordenadora, é importante explicitar seus objetivos com o parceiro, pois cada interagente opta por uma maneira diferente de conduzir as interações. Algo interessante na fala da interagente C é a forma como ela e sua parceira encaram o momento da correção. É importante, durante o processo de ensino e aprendizagem, não só identificar os erros cometidos, mas sim procurar entender qual foi o erro.

O interagente D traz para a mediação sua experiência apontando que nem sempre há um “erro”, muitas vezes, os participantes conhecem as regras gramaticais, sabem seus usos, mas buscam no Teletandem este contato mais íntimo com o uso real no cotidiano dos falantes nativos. Cabe ressaltar a maneira como as mediadoras propiciam um ambiente agradável nas mediações, abrindo espaço para que as ideias e diferentes pontos de vista sejam compartilhados. A partir da própria experiência, dos relatos trazidos pelos colegas e da maneira como as mediações são conduzidas, os participantes podem construir em conjunto suas reflexões a respeito de diversos temas abordados.

Em entrevista com as mediadoras, este tópico foi citado por elas, em uma pergunta em que a correção aparecia como expressão do princípio da autonomia. É possível perceber que ambas as mediadoras tinham consciência da importância de se estabelecer diferentes maneiras para se corrigir os parceiros.

Excerto 15

Entrevistadora: Você tenta, de alguma forma, apontar/retomar os princípios do Teletandem na mediação? Seja em relação a separação de línguas, ou no momento da correção que é algo negociável e envolve o princípio da autonomia?

Mediadora 1: (...) Então, a gente tentava, sim, passar essa visão pros interagentes e também... o princípio da autonomia, da questão da correção, porque a gente dava várias saídas pra eles nessa questão de correção, porque tem uns que não gostam de parar a interação na hora e corrigir o outro, ou que o outro pare a interação para

corrigir a pessoa... Então a gente falava: tem vários momentos, tem várias formas, então vocês podem fazer da forma que vocês se sentirem melhor, então tinha esse jeito, podia anotar e depois no final da interação voltar e falar “olha, tem esse ponto, esse ponto, dá pra melhorar aqui ou ali”. Então sim, deixava claro os princípios do Teletandem.

Mediadora 2: Eu tento trazer essas questões da separação de língua e correção e é sempre uma coisa assim, às vezes a pessoa fala que o parceiro não corrige e sempre falo “você conversou com ele sobre isso?”, por isso que eu acho importante participar, porque eu sempre ficava falando “você perguntou pro seu parceiro se você quer ser corrigido ou não? Como que é essa questão da correção?”. E eu participei por muito tempo do Teletandem e eu esquecia de pedir pra pessoa corrigir. E aí depois que você tem essa perspectiva do mediador que você tem que pedir pra pessoa te corrigir porque as vezes pra ela é desconfortável, aí você vai lembrando de perguntar pras pessoas e você tem uma bagagem extra, tipo “ai eu também perguntei pro meu parceiro me corrigir quando eu falasse tal coisa...”
Você compartilha sua experiência com isso.

(Transcrição da entrevista com a mediadora 1 no dia 1º/02/2019 e transcrição da entrevista com a mediadora 2 no dia 28/02/2019)

A mediadora 1 comenta a forma como ela auxiliava os participantes apontando diferentes maneiras para se corrigir os parceiros, deixando livre a escolha de cada um. Ela exemplifica, comentando que os participantes poderiam anotar e ao final da interação comentar com seus pares os possíveis equívocos que eles tiveram. Já a mediadora 2, assim como foi feito na mediação, ela afirma durante a entrevista que pergunta aos interagentes se eles conversavam com seus pares sobre o assunto, se estabeleciam algo, deixavam explícito que gostariam (ou não) de serem corrigidos. Algo que ela também ressalta, é a importância de o mediador participar do projeto como interagente. Isso traz visões diferentes e cria experiência que pode ser compartilhada na mediação.

Assim, participar do Teletandem como interagente, parece fazer com que o mediador entenda todo o processo com o qual ele lida durante a mediação. Trazer suas experiências promove um ambiente agradável para que os participantes se sintam à vontade ao compartilhar suas vivências. Ressaltar o princípio da autonomia juntamente com a reciprocidade durante as mediações parece ser algo fundamental para que os interagentes estejam confiantes durante o processo de ensino e aprendizagem colaborativos. Seja no quesito correção ou qualquer outro tema que venha a surgir, é interessante que o mediador observe como cada interagente se posiciona e atua na aprendizagem do parceiro, sendo responsável pelo processo.

2.3.3 Fomento à discussão

Diferentemente da mediação feita nos diários reflexivos, a roda de conversa proporciona não só um ambiente de discussões e reflexões sobre a própria experiência durante as interações, mas também abre espaço para a reflexão a partir da experiência trazida pelos outros participantes.

Com esta reflexão coletiva, a dificuldade de fazer com que todos os participantes interajam e exponham suas experiências se torna mais presente. Diante de tal problema, é essencial que o mediador promova um ambiente agradável no qual os participantes se sentirão à vontade para participar e contribuir com as discussões. De acordo com Salomão (2011) há quinze diretrizes para a mediação, que foram estabelecidas pelo grupo de pesquisa inicial em 2006. Segundo a autora,

(...) as diretrizes para a mediação buscaram enfatizar o papel do mediador como fomentador de formação reflexiva, sugerindo que ele não fosse diretivo, mas que buscasse criar uma atmosfera de confiança e negociação, partindo das necessidades dos interagentes e utilizando-se de estratégias que envolvessem o oferecimento de alternativas, colaboração e provimento de teoria de acordo com as necessidades (SALOMÃO, 2011, p. 660-661).

Ao longo da primeira mediação, as mediadoras proporcionaram vários momentos em que os participantes pudessem interagir. No excerto abaixo, estão reunidas algumas perguntas realizadas, com o objetivo de incluir os interagentes e incentivá-los a compartilharem suas experiências.

Excerto 16

Mediadora 2: Como é que foi hoje pra vocês? Vocês gostaram?
(...)
Mediadora 2: Pra vocês também foi assim? Ou foi diferente?
(...)
Mediadora 2: Quem mais quer falar?
(...)
Mediadora 2: Pra quem ainda não falou, quais foram as impressões?
(...)
Mediadora 2: Alguém mais quer falar alguma coisa?
(...)
Mediadora 1: Quem não falou nada, não quer falar nada...?

(Perguntas feitas pelas mediadoras na primeira mediação no dia 20/03/2018)

Tais questionamentos ocorriam após a fala de algum participante que colaborava trazendo para a mesa algum assunto, dificuldade ou impressão que obteve nesta primeira sessão.

Tendo em vista a atuação das mediadoras, no que diz respeito a preocupação com o andamento das sessões, os possíveis problemas e dificuldades que os participantes pudessem ter e a maneira como incitavam os interagentes a compartilharem suas experiências para que a reflexão sobre a aprendizagem pudesse ocorrer de maneira efetiva, algumas perguntas foram feitas para as mediadoras da turma, a fim de entender a maneira como elas conduziam as mediações.

Excerto 17

Entrevistadora: Que aspectos da interação do Teletandem você levava em conta para elaborar as perguntas na mediação?

Mediadora 1: Então, acredito que a gente sempre, ou perguntava algo de cultura, perguntava... coisas que poderiam aparecer nas interações de todos eles: “você falaram sobre algo cultural hoje?”, “teve algum problema durante a interação?”, “corrigiu o parceiro em algum momento ou foi corrigido?”, “de que forma você fez isso?” “está sendo efetivo ou não?”, “você vem preparado para as interações?”, “prepara algum tema pra discutir durante o momento da interação?”. Essas eram as perguntas básicas, né. As outras vinham a partir dessas, então surgia ali na hora, não era algo muito preparado previamente, essas eram as que a gente tinha, vamos supor, de praxe assim, sabe...? Então levava em conta isso, a questão da correção, a questão do tema da conversa, a questão de cultura, da separação de línguas(...)

Mediadora 2: Às vezes problema técnico (...) O começo, como é que foi, a troca de língua, se o pessoal trocou ou não (...) como é que foi falar o português ou o inglês; como foi falar o português com o parceiro; se o parceiro teve dificuldade; se está preparando tema ou material; se precisa de ajuda; questão de vocabulário, se viram alguma coisa nova; de cultura, se descobriram alguma coisa da cultura do parceiro, se o parceiro falou alguma coisa que foi bacana, eu acho que é mais isso, não sei se era isso que tinha pra falar, das partes da interação...

(Transcrição da entrevista com a mediadora 1 no dia 1º/02/2019 e transcrição da entrevista com a mediadora 2 no dia 28/02/2019)

Sob esta primeira pergunta, identifica-se, de maneira geral, os temas trabalhados nas interações que eram frequentemente mencionados e discutidos durante a mediação. Dentre estes temas, destacam-se a questão da cultura, correção, separação de línguas e preparação de materiais/temas para serem abordados. A partir disso, uma questão mais direcionada para a atuação do mediador foi realizada.

Excerto 18

Entrevistadora: Ótimo. De que forma você buscava auxiliar os participantes a refletir sobre sua aprendizagem em contexto de Teletandem?

Mediadora 1: Primeiro perguntando sobre o que eles falaram e daí puxar outras questões. Então, é... “aprendeu vocabulário?”, “conversou sobre expressões?”, “ensinou algumas expressões pro seus parceiros?”... Os interagentes gostavam muito de explicar as gírias, por exemplo do Brasil, e aí explicar essas gírias em inglês, como que era esse momento?... Então isso, fazendo perguntas e respondendo

as perguntas pra eles, trazendo experiências próprias também... (mediadora faz uma pausa). Então, isso mesmo, fazendo as perguntas e chegando ao cerne das coisas, trazendo as experiências e mostrando pra eles que era importante essa autorreflexão sobre a interação. Como eu disse, não é apenas uma conversa, tem toda a questão da aprendizagem aí por trás. Então a gente enfatizava bastante essa parte, e fazendo isso voltando lá pros princípios, né? Porque quando a gente falava de separação de línguas, quando falava de correção, a gente estava ali: “olha... é ambiente de aprendizagem, é isso, isso e aquilo... Então era isso... E uma sempre ia auxiliando a outra. Eu falo isso pensando em uma turma em específico que eu fazia com a minha parceira de mediação. E aí a gente fazia com que o aluno falasse mais, e mais, e mais, e mais, pra refletir mais sobre aquilo e não ser “ah, sobre o que você falou?”, “falei sobre comida.”. “E o que mais? Aprendeu alguma coisa em cima disso? Algum vocabulário novo? Algum prato novo?”, coisa que você não conhecia antes... sobre estereótipos, também era bem importante quando a gente chegava na reflexão sobre o estereótipo, se eles eram quebrados ou não, mantidos... Estereótipos que eles tinham sobre a cultura do parceiro ou que o parceiro tinha sobre a dele, se ele manteve isso ou não, se está dando dicas pro parceiro, pra refletir sobre a contribuição do Teletandem na aprendizagem dele. Não é só uma prática de língua...

(Transcrição da entrevista com a mediadora 1 no dia 1º/02/2019)

Assim como as perguntas exemplificadas no excerto 16, a mediadora 1 comenta que as primeiras perguntas na mediação visavam saber quais temas foram abordados e como havia sido a interação, de uma maneira mais abrangente. A partir dos comentários dos interagentes, outras questões mais específicas surgiam. Ela afirma ainda que compartilhava experiências próprias e apontava a importância de se refletir sobre as sessões de interação, tendo como base os princípios da aprendizagem colaborativa *in-tandem*. Também, comenta que, juntamente com sua parceira de mediação, elas buscavam incluir e instigar os alunos a participarem da roda de conversa.

As mediadoras sempre procuravam saber de que forma a cultura era abordada nas interações e, assim, aspectos culturais tanto do Brasil quanto do Estados Unidos eram um assunto recorrente. Em uma das mediações, os participantes comentam que os parceiros trouxeram o tema “música e esportes”, no qual eles estavam trabalhando nas aulas de português nos EUA. A partir disso, as mediadoras levam os participantes a pensarem não só na maneira como a música brasileira é vista pelos estrangeiros, mas também de que forma os próprios brasileiros tratam do assunto.

Excerto 19

Mediadora 2: Eu queria saber assim de vocês, o que que vocês pensam quando... Porque vocês falaram que o tema era música e esportes, o que que passa na cabeça de vocês quando a gente fala em música brasileira e como vocês passam isso pro parceiro de vocês?

Interagente A: É complicado passar... Eu falei isso pra ela, eu falei “olha o que eu te

mandei, a gente geralmente escuta aqui, no Estado de São Paulo, mas ai tem as músicas do Norte, que a gente mal conhece, as músicas do Nordeste... Ai ela “ah, é...”. Aí eu falei “o interessante é que vocês que tão de fora, as vezes conhece mais dessa diversidade do que a gente que está realmente aqui. Aí ela falou que já tinha ouvido falar do Techno Brega, eu fiquei assim “tá, tá, você ouviu falar e eu que moro aqui tipo, não sei sobre isso”. Aí ela falou que eles pesquisam muito e aí o que destaca assim, chama à atenção, eles conhecem mais do que chama à atenção do que como é o dia-a-dia.

Mediadora 2: E o que seria do dia-a-dia?

Interagente A: Ah, sei lá, os funks da vida, que vire e mexe está tocando, os pops que toca na rádio, essas coisas assim... Então, sei lá, foi meio estereotipado o que eu passei pra ela, aquela coisa: Cazuzza, Legião, essas coisas assim. Tentei mandar um de cada mas não dá, o que eu conseguia lembrar era dessas coisas mais pré-determinadas que a gente manda pros gringos...

(Transcrição da quarta mediação no dia 10/04/2018)

A interagente A explica para a parceira que a diversidade, não só musical, no Brasil, é grande. Devido a extensão territorial, nossa cultura é muito diversa. Por isso, as músicas apresentadas por ela durante a interação condizem com a realidade em que ela vive, com os estilos musicais conhecidos por ela e pelo seu círculo de amigos, no ambiente universitário em que ela se insere. Mesmo dentro da universidade, há uma distinção de gostos e estilos conhecidos pelos alunos, o que dificulta a generalização.

Em uma outra mediação, é possível notar a mesma reflexão sobre a extensão do território brasileiro, bem como a necessidade que os participantes encontram de se informarem mais sobre aspectos culturais de outras regiões do país.

Excerto 20

Mediadora 1: Vocês trataram de algum aspecto cultural? Alguma coisa...? Eles perguntaram alguma coisa sobre o Brasil ou vocês sobre os Estados Unidos?

Interagente A: eu percebi que eu preciso, além de explorar mais a língua e a cultura deles, a nossa. Porque às vezes ela perguntava assim “ah, uma comida típica”, daí eu “então... de que lugar eu falo? Da onde eu começo?” E aí eu comecei a perceber que a gente, na verdade, num mundinho assim, querendo sempre ir pra fora, mas a gente esquece que aqui no Brasil tem muita coisa e pra eles é sensacional o Brasil e a gente é sensacional ir pra fora. E aí eu comecei a ficar “nossa, o que eu apresento pra ela agora? Não sei o que falar muito.... Aí eu tenho que pesquisar muito mais daqui pra falar pra ela e também pra autoconhecimento, né?”

(Transcrição da primeira mediação no dia 20/03/2018)

Na aprendizagem colaborativa, os interagentes não só aprendem sobre a cultura do outro, mas têm a oportunidade de refletir sobre a própria cultura brasileira. Nota-se que o interagente comenta a necessidade de conhecer sua própria cultura, não só objetivando a colaboração para a aprendizagem da parceira, mas também para seu autoconhecimento.

De acordo com Garcia (2015, p. 731) o mediador “orienta os aprendizes diante de dificuldades, fomenta ideias e reflexões, sugere assuntos a serem abordados nas parcerias, e até mesmo, busca e instiga um autoavaliação por parte dos aprendizes”. Desta forma, ainda abordando aspectos culturais, as mediadoras impulsionam a reflexão em torno do que consideramos cultura, levando os interagentes a refletirem até que ponto o cotidiano das pessoas fazem parte dos costumes e crenças de um determinado povo.

Excerto 21

Mediadora 2: Não, é que eu estava pensando esses dias que, aqui no Teletandem, a gente sempre pede pro pessoal ficar falando de aspecto cultural, não sei o que, de não falar de coisas do dia-a-dia, mas até que ponto também as nossas vivências no dia-a-dia não (incompreensível) a nossa cultura né? É mais a reflexão que a gente faz através disso, não só saber falar da cultura... O que você acha? (pergunta para a mediadora 1)

Mediadora 1: Até porque cultura, por mais que seja uma coisa sei lá, específica de cada região, vai variar, né, entre as pessoas... Então vamos supor, que nem no Carnaval. As pessoas lá fora imaginam que, assim, generalizando, que o Brasil inteiro comemora o carnaval e não sei o que, e quando elas vêm conversar com alguém aqui no Teletandem e a pessoa fala que não, que não curte o carnaval, é um choque. Ainda que seja um aspecto cultural daquele lugar, vai variar de pessoa pra pessoa. É muito interessante, e da particularidade, entendeu? Como você faz, o que você faz, onde você faz, é interessante isso.

Mediadora 2: Até porque nessa questão do dia-a-dia a gente consegue quebrar estereótipos também. Nossa, pensava que todo mundo nos Estados Unidos fazia isso, mas meu parceiro não faz...

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

A partir dessas reflexões, as mediadoras evidenciam a questão dos estereótipos, explicando que, mesmo festividades conhecidas, nas quais cria-se uma visão generalizada sobre aquele povo, podem não ser seguidas, celebradas, por muitas pessoas. Isso advém da particularidade de cada um. Tais reflexões são importantes para professores em formação. Ao se depararem com uma sala de aula, encontra-se uma diversidade cultural, religiosa, étnica, que precisa ser respeitada. No que cabe ao ensino de línguas estrangeiras, é necessário que se reflita sobre os estereótipos e generalizações feitas sobre determinada cultura.

Existem algumas festividades no Brasil que também são celebradas outros países, como, por exemplo, a Páscoa. Na mediação em questão, os interagentes compartilham as semelhanças e diferenças entre a celebração no Brasil e nos Estados Unidos.

Excerto 22

Interagente A: A gente também comentou sobre a Páscoa, o que a gente vai fazer na Páscoa e eu descobri que lá eles também alugam rancho, fazem um almoço. É a mesma

coisa, ai não é tipo um ritual assim, ali dentro, é normal...
Mediadora 2: Alguém mais falou de Páscoa aqui? Quando tem feriado o pessoal geralmente comenta...
Interagente B: Ah, a gente falou... Eles fazem um negócio meio família, que eles vão atrás de ovos de Páscoa.
Interagente C: É, eles vão atrás de ovos de Páscoa, que é bem diferente da gente aqui que simplesmente compra o ovo...
Interagente B: É, ovo de chocolate...
Interagente C: É eles tem toda... um costume.. Eles escondem os ovos e as crianças tem que procurar.
Interagente B: Ah, e não é tipo um ovo propriamente igual que a gente tem aqui no Brasil, é um ovo pintadinho (...)

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

Percebe-se que em ambos os países a cultura de se reunir em família é comum. Apesar de se ter a figura do ovo de Páscoa, nota-se que há divergências quanto a esse aspecto, já que, como apontam os interagentes, nos Estados Unidos existe uma caça aos ovos e no Brasil, tem-se o costume de comprar ovos de chocolate.

A aprendizagem colaborativa propicia um ambiente no qual a competência intercultural pode ser desenvolvida. Segundo Belz (2003 apud LOPES; FRESCHI, 2016, p. 53) o falante intercultural estaria “menos propenso a julgamentos de valor no tocante à cultura do outro e manteria atitude de disposição e genuíno interesse pelo ponto de vista do outro a respeito dos fenômenos culturais observados em seus contextos”. Assim, os interagentes estabelecem relações entre sua cultura e a do parceiro, podendo notar diferenças e semelhanças entre elas.

Deste modo, a partir das vivências dos interagentes, novos assuntos surgiam. Diante de alguns problemas, as mediadoras traziam suas próprias experiências a fim de auxiliar os participantes.

Excerto 23

Interagente: (...) Mas eu senti que no inglês eu demorava muito pra falar, eu entendo o que ele fala, mas na hora de falar, parece que as palavras somem e eu não consigo formar frase, vem palavras tipo, muito soltas (...). Parece que não tem os conectivos. Aí eu pergunto em português “ai, como eu pergunto tal coisa?”. Aí ele fala em inglês “ah, pergunta assim”. Aí ele escreve e tal, ou quando eu falo que não estou entendendo o que ele está falando e ele começa a falar em inglês, tipo escrever... Ai quando eu lembro eu entendo, mas... Acho que a maior dificuldade assim é ouvir, falar...
Mediadora 2: Uma coisa que fizeram uma vez no Teletandem Italiano daqui que eu acho interessante: a gente separava cada interação um tema e aí o brasileiro teria que pesquisar aquilo em italiano e o italiano pesquisar aquilo em português. E aí, talvez nem precise fazer essa troca, mas pelo menos você pesquisar um tema específico com seu parceiro, pra deixar pra interação seguinte, pra você se sentir segura com o que que você vai falar na próxima interação. Então você já vai ter

uma questão de vocabulário preparada, talvez de pergunta também...

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

A partir do excerto acima, nota-se que além dos aspectos culturais, as questões linguísticas também são levadas para reflexão durante as mediações, não apenas nas dificuldades que os participantes tiveram ao praticar a língua alvo, para a qual a mediadora apresentou uma solução, mas também em relação a expressões, seus significados e usos. Como no caso a seguir, a mediadora questiona a maneira como o interagente explicou determinados termos ao parceiro.

Excerto 24

Interagente A: é, eu ensinei pra ele expressões: mano, velho
Mediadora 2: O que ele achou?
Interagente A: Ele não entendeu nada...
Mediadora 2: Mas você explicou o significado em inglês? Como você falou isso?
Interagente A: Eu falei “é nós” “it’s we” e ele não entendeu nada. Mas ele falou “é, vocês só usam isso em informalidade, né? Você não pode usar isso com um presidente...” (...)
Interagente B: O (diz o nome do parceiro) é tão fluente que ele ainda brincou que foi pra “Ubachuva” e não pra Ubatuba... Ele é muito fluente... O cara faz piada já em português.

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

Percebe-se que ao tentar explicar expressões usadas no cotidiano, o interagente traduziu-as literalmente, e, segundo sua fala, a maneira como a frase é constituída como no caso de “é nós”, no qual não há concordância numeral, não foi explicada ao parceiro, o que dificultou seu entendimento. Apesar disso, o parceiro pode entender que o uso dessas expressões é informal. Por outro lado, a interagente B comenta que seu parceiro tem fluência no português, fazendo uso de trocadilhos utilizados por alguns nativos.

Sendo o mediador um fomentador de discussões, é interessante observar que, além de compartilhar suas próprias experiências e instigar os participantes por meio de questões norteadoras, os mediadores criam situações problemáticas que fazem com que os interagentes pensem em estratégias e métodos que optariam para solucionarem determinado desafio.

Excerto 25

Mediadora 2: Já aconteceu de vocês falarem “ah, como eu falo isso em inglês”, e a pessoa também não sabe? Não...? Eu ia perguntar como vocês resolvem isso...
Interagente A: Ah, por meio do intermédio do espanhol assim acaba tendo alguma relação mais fácil...

Interagente B: É, o carinho que eu estou falando não fala muito bem português. Aí eu comento uma coisa e quase todas as vezes ele não sabe. Aí eu ajudo mais ele no português do que ele no inglês.

Mediadora 1: Mas aí você tenta fazer com que ele entenda você em português ou você passa pro inglês?

Interagente B: Eu tento descrever o negócio que eu estou tentando falar... Ai ele tenta achar alguma coisa familiar e...

Mediadora 2: Eu nunca deixo claro e é uma coisa que eu preciso fazer, mas eu tenho uma coisa que é assim: eu estou falando aí eu não sei, aí eu meio que falo a palavra com um ponto de interrogação no final, sabe? E tem pessoa que entende que eu estou pedindo uma correção e tem gente que não entende e não me corrige, então é bom deixar explícito mesmo, porque a menina de hoje não me corrigiu em nada e eu sei que eu estava falando um monte de abobrinha...

(Transcrição da terceira mediação no dia 03/04/2018)

Mesmo propondo uma determinada situação e tendo a participação de dois interagentes, a mediadora apresenta, ainda, uma maneira utilizada por ela quando está em dúvida durante a interação (na qual ela participou como interagente neste dia). É possível afirmar que, em todos os momentos, as mediadoras se mostram solícitas para solucionar problemas, tirar dúvidas, auxiliar os parceiros, sendo uma figura importante no processo de reflexão dos interagentes. De certa forma, há uma preocupação com o andamento das interações. No caso a seguir, por exemplo, foi feito um trio e a mediadora procura saber as opiniões dos participantes diante de uma situação diferente, no qual havia um terceiro integrante que participaria da conversa.

Excerto 26

Mediadora 2: Pra vocês, qual foi a maior diferença assim, entre falar em trio e falar em dupla?

Interagente A: Acho que a hora de falar.

Interagente B: Ah, é que tem uma pessoa a mais ali né, então as vezes meio que eu me perco assim com quem eu estou falando... É a única diferença.

Mediadora 2: Em questão de tempo de falar vocês dois conseguiram falar o tanto que queriam?

Interagente A: Ah, eu acho que sim.

Interagente B: Acho que sim, ela fala bastante (...)

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

Percebe-se assim, que as mediadoras procuram fomentar reflexões, fazendo com que os interagentes participem cada vez mais da mediação. Além disso, a preocupação das mesmas com o desempenho dos interagentes e o andamento das sessões cria um ambiente agradável para que eles se sintam à vontade para compartilhar suas vivências. Na entrevista com a mediadora 2, ao se questionar a maneira como ela buscava auxiliar os participantes na

reflexão sobre a aprendizagem em contexto de Teletandem, ela traz uma questão interessante. Muitas vezes, as perguntas realizadas nas mediações são feitas de maneira espontânea, devido ao ambiente descontraído, no qual as perguntas e reflexões surgiam naturalmente.

Excerto 27

Mediadora 2: Eu acho que nunca perguntei isso assim... Ah, às vezes eu perguntava da língua, se eles achavam que falar com alguém no exterior assim, se estava melhorando, em questão de segurança, de falar a língua, de falar com outra pessoa e até a pronúncia, se isso melhora, mas isso eu acho que a gente abraça muito a parte da interação inteira e não da mediação, tipo, “o que a mediação está contribuindo pra você?” Eu acho que eu nunca fiz isso... (...)

Entrevistadora: A: Você acha que é uma coisa que você faz inconsciente, essa forma de auxiliar, refletir...?

Mediadora 2: É interessante quando você acompanha porque você vai vendo a trajetória e você vai vendo o que vai acontecendo... Nessa turma de francês tinha uma menina que odiava português, não queria falar português e você vai acompanhando, “como é que foi hoje? O que você fez hoje pra despertar o interesse dela?”. Tinha um outro que ele falava que era muito inacessível, que ela não falava muito da vida dela e aí você vai acompanhando e é interessante ver como que a pessoa vai lidando com aquilo e todo mundo foi dando conselho, “aí, pergunta pra ela sobre isso”, vai entender porque ela era assim né e foi discutindo, foi interessante. Mas é uma reflexão que a gente, meio que acontece na conversa, é aquilo que eu falei, não falo assim “aí, então nas mediações anteriores a gente foi discutindo sobre isso e agora o que a gente tem é essa conclusão, pra eles saberem que foi na mediação que foi usado... Eu puxo mais pra interação...

(Transcrição da entrevista com a mediadora 2 no dia 28/02/2019)

Algo interessante é a forma como a mediadora 2 buscava *feedbacks* dos interagentes, questionando quão produtiva e efetiva estava sendo a participação no projeto. Como um terceiro elemento que acompanha o processo entre as duplas, a mediadora disserta sobre o acompanhamento das interações e a maneira como os interagentes passam a lidar com as situações adversas, além da colaboração dos próprios colegas de mediação que apontam possíveis soluções.

Assim, ela afirma que durante as mediações não são apontadas possíveis conclusões para o processo de aprendizagem. Deste modo, tem-se uma supervisão não-diretiva. Como pontua Mesquita (2008), o interagente desenvolve sua autonomia por meio da interação estabelecida entre ele e o mediador, no qual não há respostas prontas. Tendo como base os assuntos e situações ocorridas nas interações, as reflexões surgem de maneira natural nas mediações, por meio das quais cada participante chegará a uma conclusão que condiz com sua própria experiência.

Desta forma, pode-se afirmar que o mediador auxilia os participantes durante o processo de ensino e aprendizagem telecolaborativos, não somente questionando de forma direta os participantes, mas fomentando discussões. Segundo Salomão (2011), seria interessante e pertinente que o mediador “promovesse uma atmosfera informal e descontraída que instigasse os interagentes a verbalizar suas ansiedades, suas necessidades e dificuldades, sem constrangimentos ou receios” (SALOMÃO, 2011, p. 660). Assim, os mediadores utilizam de suas próprias experiências, aprofundam e instigam determinados temas, criam situações conflituosas hipotéticas, retomam possíveis problemas e dúvidas a fim de acompanhar o processo de aprendizagem dos participantes, sempre respeitando e seguindo os princípios (da separação de línguas, autonomia e reciprocidade) da aprendizagem colaborativa.

2.3.4 Continuidade nas mediações

A mediação caracteriza-se como um momento em que os participantes refletem sobre o processo de ensino e aprendizagem em contexto de Teletandem, ou seja, este momento serve para que os interagentes e mediadores, “(...) possam discutir aspectos relacionados à prática do interagente e refletir juntos sobre as dúvidas e os problemas encontrados no ensino e aprendizagem de línguas nas sessões de teletandem, questões culturais, assim como possíveis impasses entre parceiros.” (SALOMÃO, 2012, p. 19)

Dessa forma, foi observado que existe uma certa continuidade nos temas, bem como as dificuldades, que os interagentes trazem para a mediação. Com isso, o mediador procura resgatar assuntos que surgiram nas mediações anteriores, propondo soluções para possíveis contratempos ou dando sugestões de temas.

Tal processo de continuidade pode ser observado a partir de um trecho da primeira mediação em que uma das participantes comenta que, após os primeiros trinta minutos de interação em português, ela sentiu uma certa dificuldade de seguir com o assunto em inglês. Assim, a mediadora 1 interfere questionando em qual idioma os interagentes iniciaram a interação daquele dia. Mais de um deles afirmam ter começado em português. Com isso, a mediadora sugere uma alternância das línguas para iniciar cada interação, como se pode notar no excerto a seguir:

Excerto 28

Interagente: “Eu percebi que quando a gente mudou pro inglês, meu cérebro meio que deu uma travada, falou assim “o que você está fazendo? Pensa, para um pouco”. Ai

enquanto eu pensava, ela começou a falar assim: “ah, eu vou fazer uma revisão do que a gente falou até agora em português, tá?”. (...) E é complicado, o cérebro demora um tempo pra associar... Você conhece uma língua estrangeira mas você tem que colocar em prática... Ai a gente combinou algumas coisas pra próxima interação... Ela quer vir pro Brasil, ela tem muito interesse porque ela é estudante de antropologia e ai ela pediu pra saber mais sobre comida, sobre cultura e sobre as pessoas.

(...)

Mediadora 1: Eu ia perguntar: vocês que sentiram essa travada na hora de falar em inglês, vocês começaram em português e depois passou pro inglês e ai a cabeça deu uma “bugada” ou foi ao contrário?

Interagentes: É eu comecei em português e depois fui pro inglês...

Mediadora 1: Então, isso é uma coisa que vocês podem combinar com o parceiro de vocês... Eu, como já fiz Teletandem antes, o que que eu sentia: que no inglês era muito mais produtivo quando eu começava a interação em inglês, estava menos cansada, e depois passava pro português. Isso pode acontecer com a gente e pode acontecer com eles lá também. Então pra não prejudicar só um dos lados, caso isso seja uma coisa que vá prejudicar, vocês podem combinar isso. Olha, essa semana a gente começa em inglês, na outra semana a gente começa em português, pra dar essa equilibrada, entendeu? Pra isso não acontecer em todas as interações, é uma coisa que vocês podem combinar...

(Transcrição da primeira mediação no dia 20/03/2018)

Percebe-se que a mediadora usa de sua própria experiência no projeto para aconselhar os participantes. Além disso, os princípios da aprendizagem colaborativa são respeitados, no qual a mediadora enfatiza a autonomia que os participantes têm para decidir o que melhor funciona para eles e, sob o princípio da reciprocidade, propõe que a cada semana a interação comece em uma língua diferente, a fim de não prejudicar nenhum dos interagentes.

Na semana seguinte, a mediadora retoma a questão a respeito da dificuldade em se seguir os assuntos na língua inglesa, por terem iniciado a interação em português.

Excerto 29

Mediadora 1: Na semana passada vocês falaram bastante que ficaram travados na hora de falar inglês e eu perguntei a vocês, se vocês tinham começado em inglês ou em português pra ter dado essa travada e vocês tinham começado em português e passaram pro inglês. Essa semana então eu sugeri que vocês comessem em inglês pra ver se tinha essa diferença. Alguém fez isso? Sentiu ou nem lembrou?

Interagente A: Assim, a gente já tava num assunto ai a gente continuou no mesmo assunto (incompreensível) porque eu não travo normalmente continuou o assunto normal...Como se nada tivesse acontecido...

Interagente B: Isso que você disse, eu tentei fazer, mas ela disse que o instrutor de lá disse pra eles começarem em português, eu tentei...

Mediadora 2: É porque as vezes eles acabaram de sair da aula né? E ai o professor já quer porque está fresco na cabeça.

Interagente C: Mas ai eles já começam com “oi, tudo bem?”. Eles já começam com português...

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

Os interagentes comentam a respeito: alguns se sentem confortáveis em transitar entre os idiomas; outros tentam seguir as indicações feitas na semana anterior. Entretanto, nota-se que os parceiros já iniciam a interação em português, sendo algo aconselhado pelo professor da universidade estrangeira. Apesar disso, as mediadoras se mostram disponíveis para resolver tal questão, caso isso venha a atrapalhar o andamento da interação.

Excerto 30

Mediadora 1: É que semana passada foi a primeira né? Foi a primeira interação, pode ter sido isso também. Mas assim, dependendo é uma coisa que influencia, então a gente pode conversar com o professor de lá e ver essa questão. E talvez isso das perguntas é uma coisa que eles têm só com o português. Talvez eles saiam da aula com temas específicos, coisas que eles já pesquisaram e é isso que eles vão falar (...)

Mediadora 2: É, porque quando eu fazia tinha umas coisas meio estranhas. Na parte de português eram umas perguntas meio assim, cortado, e aí depois a gente conversava normal...

(Transcrição da segunda mediação no dia 27/03/2018)

Na terceira mediação, é possível perceber que este assunto é retomado, desta vez pela mediadora 2. Na interação em questão, um dos interagentes afirma ter colocado em prática a sugestão dada pela mediadora 1 nas sessões anteriores e pôde obter bons resultados:

Excerto 31

Interagente A: Inicialmente a gente falou sobre isso né, sobre a faculdade, como que funciona lá e depois a gente falou sobre a viagem, que ela vai vir pra cá e que ela pensa em vir pra Araraquara pra conhecer.

Mediadora 2: Isso em inglês?

Interagente A: Em inglês.

Mediadora 2: Alguém mais começou em inglês?

Interagente B: Eu também optei por começar em inglês hoje e não sei, acho que eu tive uma experiência melhor começando pelo inglês e depois passando pro português... Acho que, sei lá, travou menos... Não sei se mais alguém começou em inglês e teve o mesmo...

(Transcrição da terceira mediação no dia 03/04/2018)

Após apresentar uma solução para determinado contratempo e retomar o assunto, os mediadores mostram que os interagentes estão sendo acompanhados, e, na terceira interação, percebe-se que os participantes colocaram em prática o que foi sugerido e demonstraram um melhor resultado.

Diante deste processo de continuidade, observado durante as sessões, foi feita uma entrevista com ambas as mediadoras da turma, na qual elas afirmaram haver uma retomada de

assuntos, a fim de ajudar os participantes a resolver as adversidades surgidas nas interações. Além disso, ambas afirmam ter utilizado um bloco de notas para que os temas fossem lembrados com mais facilidade.

Excerto 32

Entrevistadora: (...) De que forma você buscava dar certa continuidade nos assuntos levantados pelos interagentes durante as mediações?

Mediadora 1: Então... A gente sempre estava com um... Anotando, né...

Entrevistadora: É isso que eu ia perguntar também, se existia alguma forma...

Mediadora 1: Sim, sim... A gente anotava e pelo menos, quando uma não estava anotando, a outra estava... E era assim, ou era na base da memória também, eu guardava bastante as informações que eles falavam de uma semana pra outra e eu conseguia voltar a elas depois... Então era ali, anotando ou na memória...

(Transcrição da entrevista com a mediadora 1 no dia 1º/02/2019)

Além de afirmar que havia uma continuidade entre as mediações, de uma semana para a outra, a segunda mediadora explica a maneira por meio da qual ela procurava manter os temas durante uma mesma sessão:

Excerto 33

Mediadora 2: Ah, em uma mediação só, eu procurava ver quem tinha temas em comum e se não tinha, falar pelo menos: “ah, vocês já discutiram sobre isso?”, sempre tentar fazer um conversar com o outro e não ficar num questionamento do mediador num canto e aí todo mundo te olhando e esperando a vez dele pra falar, sabe? Procurava fazer todo mundo conversar, tentando levantar pontos em comum, o que eles achavam daquilo, se a pessoa estava tendo alguma dificuldade ou se alguém poderia dar alguma dica. (...) E durante as interações eu tentava trazer coisas que eles foram falando nas semanas anteriores.

(Transcrição da entrevista com a mediadora 2 no dia 28/02/2019)

É importante ressaltar que o foco não se mantém no mediador. As mediadoras fazem com que os participantes também interajam entre eles. A mediadora 1, a pedido da entrevistadora, exemplifica um caso em que ela retomou o assunto, desta vez, a respeito da correção:

Excerto 34

Entrevistadora: Você lembra de algum caso ou em relação a algum assunto...?

Mediadora 1: Eu me lembro de uma moça que tinha problemas com a correção e ela não sabia exatamente o que fazer, pra corrigir, a parceira (acho que era uma parceira dela) e aí a gente deu – deu não, né? – Falou sobre as várias opções que ela tinha... E na semana seguinte, eu me lembro de ter voltado nessa questão e perguntado pra ela se deu certo, o que ela tentou fazer e tudo mais...

Entrevistadora: Entendi... Em relação à correção... Você acha que isso também ajuda os outros alunos a refletirem também sobre isso?

Mediadora 1: Sim, e eu acredito que faz com que eles sintam que a mediação está sendo produtiva, porque eles vão sentir que eles estão sendo acompanhados e não só sentados ali na mesa jogando informação aleatória. Não, essas informações estão sendo guardadas para serem usadas depois ou não (caso não precise voltar), mas entender que aquilo é um processo, não é só um caso isolado de uma semana pra outra. Não, é um caso contínuo. Assim como as interações deles tem continuidade, a mediação também tem.
--

Entrevistadora: Entendi. E essa “continuidade” ocorria de uma semana pra outra?
--

Mediadora 1: Exatamente.

(Transcrição da entrevista com a mediadora 1 no dia 1º/02/2019)

A partir do excerto acima, é possível notar que as mediadoras têm consciência do papel didático que exercem nas mediações do Teletandem. A retomada de assuntos ocorre de maneira proposital, com o intuito de acompanhar o processo reflexivo dos interagentes. Tal atitude parece essencial no estabelecimento de uma relação colaborativa e reflexiva com os participantes.

Na última interação, ao invés da mediação em roda de conversa, os participantes utilizam esse tempo para responder um questionário final, no qual podem expressar suas opiniões e impressões a respeito, não só das conversas que tiveram com um parceiro estrangeiro, mas a respeito do projeto Teletandem como um todo. Neste questionário, é possível encontrar perguntas relacionadas à mediação, como: “O que achou da mediação?” e “De que forma a mediação auxiliou (ou não) sua participação no Teletandem?”.

O excerto a seguir traz algumas das respostas dadas pelos interagentes, nas quais é possível notar que os interagentes reconhecem a importância da mediação para a reflexão sobre sua aprendizagem e também a forma como são auxiliados quanto aos temas e possíveis problemas enfrentados.

Excerto 35

Interagente A: Bem conduzida, estávamos à vontade para compartilhar as experiências.

Interagente B: Ela auxiliou em nos ajudarmos a lidar com alguns desafios enfrentados nas interações.

Interagente C: A mediação foi primordial para reflexão de vários pontos que poderíamos não ter refletido sozinhos. Às vezes aprendíamos de como os colegas de turma lidava com problemas similares ao que estava passando por exemplo.

Interagente D: A mediação me ajudava a pensar em temas, nas questões acerca da aprendizagem e em como melhorar a interação tanto para mim como para o outro.

Interagente E: Com dicas de como interagir melhor e ideias que podiam ser aplicadas nas próximas interações
--

(Respostas do questionário final aplicado para os interagentes no dia 17/04/2018)

Desta forma, é possível concluir que tal retomada de assuntos, não somente durante a mediação, mas principalmente de uma sessão para a outra, traz benefícios que são percebidos pelos os interagentes. Ao apresentar um exemplo de sua própria experiência no Teletandem e também reafirmar a autonomia que os participantes têm para tomar decisões quanto à sua aprendizagem, o mediador cria um ambiente agradável, fazendo com que os interagentes se sintam à vontade para expor as possíveis adversidades ocorridas durante a interação. Assim, como declara a mediadora 1, é importante que os interagentes percebam que o ensino e aprendizagem em contexto de Teletandem é um processo, e tanto a interação como a mediação precisam ter uma continuidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de investigar a maneira como a mediação no Teletandem é usada para fomentar o processo de reflexão no ensino e aprendizagem colaborativos, por meio das questões norteadoras, bem como as estratégias utilizadas pelo mediador, pôde-se notar, ao final da presente pesquisa, a importância do mediador como uma terceira pessoa que se insere na aprendizagem a fim de promover e facilitar a exploração deste contexto colaborativo.

Assim, por meio da transcrição das mediações realizadas em roda de conversa e também da entrevista feita com as mediadoras, foi possível responder às perguntas de pesquisa propostas, a saber: 1) Que aspectos da interação de Teletandem são levados em conta pelos mediadores para a elaboração das perguntas norteadoras durante a mediação? 2) Como os mediadores usam as perguntas na mediação para auxiliar os participantes a refletir sobre sua aprendizagem em contexto de Teletandem?

A partir disso, observou-se uma recorrência de aspectos trazidos das interações que eram levados em conta para que as perguntas norteadoras fossem feitas. Tais aspectos foram divididos nesta pesquisa em quatro categorias para a análise: menção a conceitos teóricos sobre Teletandem, correção de erros e feedback, fomento à discussão e continuidade nas mediações.

No que cabe à menção a conceitos teóricos sobre Teletandem, seja por meio de questionamentos ou trazendo sua própria experiência, as mediadoras sempre buscavam saber a maneira como os participantes lidavam com a separação das línguas. Muitas vezes, os pares optam por dividir o tempo da interação igualmente, por outro lado, alguns participantes afirmam não estabelecer certa divisão. Assim, é possível afirmar que os princípios da autonomia e da reciprocidade estão intrinsecamente ligados ao princípio da separação de

línguas e, por meio das reflexões conduzidas pelas mediadoras, notou-se que, juntamente com os parceiros, os interagentes são livres para acordarem pela melhor forma de conduzir as interações.

Outro aspecto trazido para a mediação era a correção de erros e feedback. As mediadoras apontavam a importância de se estabelecer um momento para que a correção fosse feita. Muitas vezes ela ocorria naturalmente, durante a conversa, porém em algumas situações, os pares não se sentiam à vontade para se corrigirem. Desta forma, o princípio da autonomia era trazido pelas mediadoras mais uma vez, com o objetivo de levá-los a entender que cada par é livre para acordar aquilo que melhor colabora para o bom andamento da interação.

Em relação ao fomento à discussão, pôde-se observar que os aspectos linguísticos e culturais eram questionados, a fim de se saber quais temas foram discutidos, aprendidos e ensinados. Com isso, as mediadoras levavam os interagentes a refletirem não só sobre a língua e cultura dos parceiros, mas também sobre a nossa própria língua e cultura.

Por fim, quanto à continuidade das mediações, é possível afirmar que as mediadoras se preocupavam em retomar assuntos, possíveis dificuldades enfrentadas pelos interagentes, com o objetivo de ajudá-los a resolver certas questões e também sugerir diferentes temas que poderiam ser discutidos entre eles. Tendo em vista que a aprendizagem colaborativa também é um processo, a continuidade nas discussões dada pelas mediadoras, durante as mediações, visa um acompanhamento dos interagentes a partir de suas reflexões, fazendo com que eles sejam capazes de explorarem, cada vez mais, o contexto em que estão inseridos.

Assim, apesar da aprendizagem colaborativa ser autônoma, deve-se ressaltar a importância do mediador, que por meio de experiências, fomento a discussões, questões norteadoras, auxilia a reflexão dos interagentes sobre sua própria prática em contexto de Teletandem.

Sendo a mediação uma parte fundamental no processo de ensino e aprendizagem colaborativos, por meio das reflexões promovidas neste contexto, a aprendizagem pode se tornar cada vez mais ampla. É interessante refletir não só sobre o modo como ela auxilia os interagentes, mas também a maneira como o mediador conduz as sessões. Desta forma, visto que os mediadores do Teletandem são professores em formação, é pertinente ressaltar a importância de outros estudos que contemplem a atuação do mediador bem como a reflexão dos mesmos sobre sua atuação neste contexto telecolaborativo.

REFERÊNCIAS

- ANDREU-FUNO, L.B. *Teletandem: um estudo sobre identidades culturais e sessões de mediação da aprendizagem*. 2015. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). IBILCE, UNESP, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.
- DORNYEI, Z. *Research Methods in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- EVANGELISTA, M. C. R. G.; SALOMÃO. A. C. B.; Mediation in Teletandem: from face to face sessions to reflective journals. *Pandaemonium ger.* [online]. 2019, vol.22, n.36, pp.153-177.
- GARCIA, D. N. M. A logística das sessões de interação e mediação no teletandem com vistas ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 44 (2): p. 725-738, maio-ago. 2015.
- LOPES, Q. B.; FRESCHI, A. C. Potenciais sequências de aprendizagem intercultural no teletandem: a importância da mediação. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 49-74, 2016.
- MESQUITA, A. A. F. *Crenças e práticas de avaliação no processo interativo e na mediação de um par no tandem a distância: um estudo de caso*. 2008. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). IBILCE, UNESP, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- SALOMÃO, A. C. B. A formação do formador de professores: perspectivas de colaboração entre graduandos e pós-graduandos no projeto Teletandem Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* [online], vol.11, n.3, p. 653-677, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982011000300004>>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- _____. *A cultura e o ensino de língua estrangeira: perspectivas para a formação continuada no projeto teletandem Brasil*. 2012. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). IBILCE, UNESP, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.
- _____. *Gerenciamento e estratégias pedagógicas na mediação dos pares no teletandem e seus reflexos para as práticas pedagógicas dos interagentes*. 2008. 316f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). IBILCE, UNESP, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- SALOMÃO, A. C. B.; SILVA, A. C.; DANIEL, F. G. . A aprendizagem colaborativa in-tandem: Um olhar sobre seus princípios. In: TELLES, J. A. (Org.). *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para a aprendizagem de línguas no século XXI*. 1ed. Campinas: Pontes, 2009, v., p. 75-92.
- TELLES, J.A. *Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies*. *DELTA – Revista de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 31(3), 651-680, 2015.
- TELLES, J. A.; MAROTI, F.A. . Teletandem: Crenças e respostas dos alunos. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 12, p. 37-58, jan./abr. 2009.
- TELLES, J. A.; VASSALLO, M.L. Foreign language learning in-tandem: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. *The ESspecialist*, v. 27(2). PUC-SP, 2006, p.189-212.
- VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Foreign language learning in-tandem: Theoretical principles and research perspectives. *The ESspecialist*, v. 27(1), Brasil, PUC-SP, 2006, p. 83 – 118.
- VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa. In: TELLES, J. A. (Org.). *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para a aprendizagem de línguas no século XXI*. 1ed. Campinas: Pontes, 2009, v., p. 19-40.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Exemplo de transcrição das mediações

1) Mediação Harvard 10h (20-03) – Transcrição

Breve explicação de como será a mediação a partir desta data, já que antes eram diários.

Mediadora 2: Como é que foi hoje pra vocês? Vocês gostaram?

Interagente: Eu achei que foi uma experiência bem interessante, assim... O rapaz que eu conversei, ele tava em Boston só que ele é espanhol e... ah, foi bem interessante eu não imaginava, por exemplo, que teria tanta coisa assim que ia se desenrolar ... do tema principal da conversa, foi assim, aspecto cultural, foi eu acho que o tema mais... aspecto cultural e a questão da linguagem foram os assuntos mais escolhidos...

(01:16) Mediadora 2: Pra vocês também foi assim? Ou foi diferente?

Interagente: Como é minha primeira vez vindo e foi a primeira vez da menina lá, a Sarah, também, foi meio... confuso (...) quem que começava a falar, o que não começava, aí foi meio assim, os assuntos foram surgindo aí depois foi desenrolando, mas no começo foi meio... a gente não sabia muito o que falar...

(01:46) Mediadora 2: Ai depois foi dando certo? E aí vocês já se preparam para a próxima interação ou deixaram livre?

Interagente: A gente deixou livre, mas eu já vou vir com algumas coisas em mente pra poder direcionar a conversa...

Interagente: É pra mim também é minha primeira sessão, eu senti mais ou menos isso que ela falou, tipo... Um pouco estranho no começo, eu nunca tinha feito isso e pro cara também de lá... era um coreano, e cresceu na Guatemala, é de lá e agora tá morando nos EUA então ele tem uma experiência muito bacana... a experiência cultura dele, tipo... tivemos bastante assunto, começamos a conversar e desenrolou sabe? E a gente já combinou mais ou menos algumas ... pras próximas aulas, ele faz sociologia, então ele tem bastante temas assim, ele quer trabalhar na ONU e tal, então tem bastante temas que a gente bate. A gente combinou algumas coisas mas deixamos meio aberto, sabe? Trocamos Facebook, Whatsapp...

(02:44) Mediadora 2: Que bom... é bom já trocar também no começo pra caso precise avisar o parceiro de alguma coisa... Também não deixar pra última interação porque tem muita gente que esquece... Quem mais quer falar?

Interagente: É a primeira vez que participo, e eu acho que a moça que eu tô interagindo, não é a primeira vez porque ela me salvou várias vezes, ela tinha uma lista... ela me salvou, então semana que vem eu vou preparar uma também, e ela fala português muito bem porque ela faz português lá, ela tem uma amiga... que é brasileira e uma portuguesa então ela teve contato com essas duas variantes, então é bem interessante. E além disso ela fala francês, fala espanhol e aí ela fica misturando as línguas e é muito legal de ver...

Interagente: (...) mas... foi bem estranho no começo assim, da conversa, mais depois foi fluindo e ela tem bastante coisas em comum comigo. Ela morou... ela fez intercâmbio na PUC-Rio, então o português dela é bem legal, ela já é formada em Letras e... ela trabalha em Harvard. Ela conseguiu me ajudar bastante também, foi bem interessante.

(03:58) Mediadora 2: Alguém mais sentiu essa confusão no começo... O resto, que não falou ainda, tavam confiantes?

Interagente: Ah... Eu tava bem confiante no começo... Mas parece que os assuntos surgiram mais em inglês do que em português (...) mais foi bem diferente, mas foi bem legal também... E assim, a moça que eu estou conversando ela é Colombiana e mora nos Estados Unidos, então ela confundia muito as palavras em espanhol e como eu entendo espanhol, eu esquecia de corrigir ela. Mas foi muito legal, foi uma experiência assim... foi meio “portunhol” com “portunhol” e inglês, assim...

Interagente: É, eu tive uma experiência similar também como ela, o fato de ele ser espanhol também e as vezes ele “nosotros” ali, assim, mas...

(04:43) Mediadora 2: E com isso vocês corrigiam...?

Interagente: Sim, eu corrigia.

(04:45) Mediadora 2: Vocês estabeleceram uma forma de correção?

Interagente: Sim, sim, sim...

(04:48) Mediadora 1: E os outros, também? Vocês corrigiram alguma coisa? Ou foram corrigidos?

Interagente: Eu acho que não, porque como é a primeira interação também, a pessoa fica um pouco, né... Então eu acho que deixar pra corrigir depois na próxima interação (...)

(05:03) Mediadora 2: E pras próximas? (desculpa)-

Interagente: Meu parceiro era Venezuelano também, ele fazia muito isso de misturar tipo, não misturar assim, mas ele falava bem português... Ele falou que leu um livro em português... ele já estudou uma época atrás (*então ele estuda muito*)... E aí ele falava tipo umas coisas assim, meio que mais normal do espanhol mas que existe em português, aí ele falou “na verdade eu quero aprender como vocês falam assim... Sei lá, ele falava tipo “compreender” toda hora, a gente não usa, existe mas a gente não usa. Aí eu falei “ah, entender”. Aí ele, “ah, então, eu queria entender qual é a situação que eu uso tais palavras... Mas comigo está acontecendo isso de se corrigir e tentar se ajudar...”

(05:52) Mediadora 2: É legal você falar isso porque eu queria perguntar pra vocês, o que vocês acharam do uso da língua, tanto vocês falando inglês quanto eles falando português... Quais foram as impressões?

Interagente: No início foi péssimo.... Essa foi a impressão, mas ele foi assim, bem tranquilo, tipo, eu posso entender você, mas quando eu falo eu esqueço tudo, eu não lembro como...

Interagente: Dá um nervosismo né? Você pensa em inglês aí você vai falar em inglês

Interagente: Não, porque eu estudei inglês assim, esporadicamente ao longo da vida, mas eu não sou assim, nossa sei inglês, talvez consiga ler alguma coisa bem melhor que falar... É a minha dificuldade, mas ele escrevia alguma coisa, eu “ah como eu pergunto tal coisa?”, quando eu não sabia em inglês eu falava em português e ele escrevia em inglês e falava “pergunta dessa forma”.

Interagente: Eu achei engraçado só na hora que foi trocar a língua, parece que deu uma “resetada” assim ... No assunto assim, parece que você tinha começado a conversa de novo assim, só que obviamente né, você já tá ali falando com a pessoa faz meia hora, então foi uma coisa engraçada que eu notei pelo menos.

(07:09) Mediadora 2: Pra quem ainda não falou, quais foram as impressões?

Interagente: Ah, moça que eu conversei chama Melanie, ela tem um namorado que mora em Nova York, então ela sempre vai pra Nova York, ela disse que de onde ela mora, acho que em Harvard, onde que é? (*várias pessoas respondem: Boston*) Ah, Boston, eu acho que é 3 horas, ela disse, de Nova York e a gente falou sobre a família dela, sobre o que ela gosta de comer, assim, alimentos, o que ela gosta de comer, o que ela gosta de fazer no final de semana, que estilo de música que ela gosta, o que ela mais gosta na faculdade, se ela tem muitos amigos na faculdade, se tem muitas atividades culturais lá na faculdade... Ah, nós falamos sobre mais assuntos assim, relacionados a vida, ao dia-a-dia dela, o que ela costuma fazer, se ela tem muitos amigos, se ela gosta de sair... Foi bem legal e ela já veio pro Brasil, ela já veio pra Fortaleza... Então ela já tem um conhecimento assim, ela sabe falar muito bem português... E nas vezes que ela errou alguma coisa, ela me perguntava e eu corrigia ela, uma conjugação de verbo, um adjetivo, um substantivo que as vezes ela não conseguia, ela falava e eu tentava desvendar o que ela tava falando pra ajudar, e com o mesmo em inglês, as vezes eu não sabia falar uma palavra, eu começava a descrever o que eu queria a aquela palavra e ela me passava a palavra. Foi uma interação muito interessante, foi bem legal.

Interagente: Eu procurei sempre, quando a gente tava conversando com português, eu procurei sempre dizer vários sinônimos na frase pra ver se ela associava mesmo que ela não

entendesse aquilo que eu tava perguntando, eu já ia falando outros sinônimos pra ela ir fazendo essa associação, pra conversa não ficar assim travada e a mesma coisa quando eu ia falar o inglês com ela e eu não entendia alguma coisa, aí eu já começava a descrever pra não parar a conversa e ela já ia me entendendo. Mas eu percebi que eu entendo muito mais ela falando, eu lembro das palavras, mas quando eu vou falar inglês trava, parece que apaga da minha memória, tem hora que ela fala e eu “é isso que eu queria falar”.

(09:27) Mediadora 2: Vocês pretendem trabalhar isso? Tipo: ah, eu quero falar mais então eu quero...

Interagente: Eu acho que no meu caso eu preciso muito mais de vocabulário e relembrar palavras simples do tipo “ai o que você gosta de comer? Nossa, como é que fala arroz e feijão?”, fico treinando isso na escola de idiomas. Então, coisas básicas assim que eu percebi que as vezes eu ia descrever mas é uma palavra simples que eu acabei esquecendo, então é mais uma prática de vocabulário e tentar sempre descrevendo pra conversa não ficar interrompida, né? E a gente também trocou redes sociais pra continuar conversando...

Interagente: Ah, eu gostei bastante da interação, é a segunda vez que eu me inscrevo no Teletandem, apesar que a primeira vez eu não consegui ter uma parceiro(a) fixo, porque eu fiz a primeira sessão com uma pessoa, só que ela faltou em todas as outras, então eu ia sempre conhecer uma pessoa diferente todas as vezes... Mas essa menina que eu conheci ela é de Porto Rico e ela tem família aqui na América Latina e ela é meio tímida então ela preferiu ficar falando bastante em inglês primeiro mas ela tem bastante noção de espanhol, então eu percebia que ela não pensava direto português, ela pensava alguma coisa em espanhol e perguntava “ah, como você fala isso *português*”. E ela é estudante de Letras então teve bastante assunto também, foi bem ok, assim, eu gostei bastante.

(11:07) Mediadora 2: E quem não falou...?

Interagente: Ah eu conversei.. é a terceira vez que eu faço Teletandem e é uma experiência totalmente nova, porque eu conversava com umas pessoas do Hawaii e agora estou conversando com uma pessoa de Harvard. Ela é de Cuba, só que os pais dela quando ela tinha uns 10 anos, eles se mudaram para os Estados Unidos e então o inglês dela é da Flórida e agora ela mora em Boston e ela fala que sente muito diferença do sotaque que ela tem de Miami lá em Boston. Que as vezes ela pensa “meu Deus, será que meu sotaque tá muito carregado?”. Aí a gente conversou bastante, o português dela é bom, ela não mistura tanto com o espanhol mas o que ela mistura ela fala assim “desculpa, isso eu falei em português ou em espanhol?”, aí eu falo “ah, você falou misturado”, aí ela “mas como que fala em português?”. E aí a gente foi se ajudando assim. Eu percebi que quando a gente mudou pro inglês, meu cérebro meio que deu uma travada, falou assim “o que você tá fazendo? Pensa, para um pouco”. Aí enquanto eu pensava ela começou a falar assim “ah, eu vou fazer uma revisão do que a gente falou até agora em português, tá?”, aí eu “tá” enquanto isso eu ia pensando “o que eu tô fazendo? Eu não tenho noção do que eu tô falando, né?”. Ela continuou falando e eu “ah... o que que eu tô fazendo...”. Aí eu falei “acho que eu preciso praticar mais”, aí ela “ah, é, vai enferrujando se não praticar...” e eu “pois é, acho que enferrujou de vez”. Ela falou “ah, é interessante você perceber isso, porque tem muita gente que acha que pode ficar um tempão sem falar e que na hora de falar vai tá tudo bem...”. E é complicado, o cérebro demora um tempo pra associar... Você conhece uma língua estrangeira mas você tem que colocar em prática... Aí a gente combinou algumas coisas pra próxima interação... Ela quer vir pro Brasil, ela tem muito interesse porque ela é estudante de antropologia e aí ela pediu pra saber mais sobre comida, sobre cultura e sobre as pessoas.

(13:10) Mediadora 2: Legal... Adorei vocês falarem isso do “trocar a língua”, porque ontem eu falei com uma menina, aí ela falava uma frase em português e uma frase em italiano, aí ela trocava, dava tela azul assim na cabeça, aí eu parava e voltava. Aí depois ela passava pro italiano de novo, passava pro português do nada. Mas é interessante

porque a gente fala do *code-switching* - que é de ficar trocando a língua- não sei se aconteceu com vocês hoje. A gente as vezes pede pra evitar mas também é inevitável, porque depende do nível da língua... Aconteceu isso com vocês? De ficar trocando.

Interagente: A pessoa que eu conversei, ela tinha um português muito bom. Ela tem sotaquezinho mas (...) ela não confundia com espanhol, então quando eu não sabia uma palavra específica em inglês, eu perguntava “How can I say... “ (a palavra- em português) e ai, só assim que foi, mas (...)

(14:05) Mediadora 1: Eu ia perguntar, vocês que sentiram essa travada na hora de falar em inglês, vocês começaram em português e depois passou pro inglês e ai a cabeça deu uma “bugada” ou foi ao contrário?

Interagentes: É eu comecei em português e depois fui pro inglês...

(14:17) Mediadora 1: Então, isso é uma coisa que vocês podem combinar com o parceiro de vocês... Eu, como já fiz Teletandem antes, o que que eu sentia: que no inglês era muito mais produtivo quando eu começava a interação em inglês, tava menos cansado, e depois passava pro português. Isso pode acontecer com a gente e pode acontecer com eles lá também. Então pra não prejudicar só um dos lados, caso isso seja uma coisa que vá prejudicar, vocês podem combinar isso. Olha, essa semana a gente começa em inglês, na outra semana a gente começa em português, pra dar essa equilibrada, entendeu? Pra isso não acontecer em todas as interações, é uma coisa que vocês podem combinar...

Interagente: Uma coisa que eu achei interessante nessa interação, é que foi a primeira vez que a gente|que eu pelo menos não misturei as línguas, eu consegui falar meia hora em português e meia hora em inglês. Porque nas outras interações, meus parceiros eram um nível de português um pouco inferior, então por exemplo: na minha primeira interação a Ellen não falava nada, então a gente ficava uma hora conversando com inglês. Ai com o Derek a gente já conversava um pouco melhor mas ele ainda tinha muito esse negócio de trocar, porque na casa dele era português e inglês toda hora. Agora não, foi meia hora em português e meia hora em inglês e eu achei isso muito interessante.

Mediadora 2: E foi melhor assim ou não..?

Interagente: eu acho que foi melhor porque dá pra você estabelecer uma linha de raciocínio contínuo. Quando você fica trocando muito, você fica se perdendo... Então hoje deu pra conversar assim... linear.

(15:41) Mediadora 2: Alguém mais quer falar alguma coisa?

(15:51) Mediadora 1: Quem não falou nada, não quer falar nada...?

(15:53) Mediadora 2: Ó, Teletandem é isso. Não é só sentar no computador, a gente a discuti aqui também.

Interagente: Eu fiquei um pouco nervosa pq... Ela é bem mais fluente em português do que eu sou em inglês... Então, isso me travou um pouquinho quando eu tive que passar pro inglês... E, ela fala bastante então ela que (...) eu acho que eu vou ter que me preparar muito, porque ela é bem fluente assim, eu não tava esperando, sabe?

(16:18) Mediadora 1: Vocês trataram de algum aspecto cultural? Alguma coisa...? Eles perguntaram alguma coisa sobre o Brasil ou vocês sobre os Estados Unidos?

Interagente: A minha perguntou de comida típica, ai eu apresentei a coxinha... e a paçoca (... – risos e conversas) “Nossa, amendoim?” eu falei: “é! Quando você vier pra cá, coma! Todo mundo gosta”.

Interagente: Acho que minha parceira ficou muito curiosa com a comida... “Ah, mas você faz comida na sua casa?” e eu “aham” (risadas) eu falei “é mais barato” (risos) ela ficou chocada... E ela perguntou muito também, ela queria saber sobre Clarice Lispector, pq ela falou que gosta e estuda lá... é... poesia, que tá muito relacionado com as questões da América Latina e tudo mais. E ela falou que leu Clarice Lispector em inglês e em espanhol, e que ela queria ler em português também... Bem profundo (risadas)

Interagente: eu percebi que eu preciso, além de explorar mais a língua e a cultura deles, a nossa. Porque as vezes ela perguntava assim “ah, uma comida típica”, daí eu “então... de que lugar eu falo? Da onde eu começo?” E aí eu comecei a perceber que a gente, na verdade, num mundinho assim, querendo sempre ir pra fora, mas a gente esquece que aqui no Brasil tem muita coisa e pra eles é sensacional o Brasil e a gente é sensacional ir pra fora. E aí eu comecei a ficar “nossa, o que eu apresento pra ela agora? Não sei o que falar muito...Aí eu tenho que pesquisar muito mais daqui pra falar pra ela e também pra autoconhecimento, né?”

Interagente: É engraçado, ela falou isso e tipo, é um dos temas que a gente mais discutiu assim, foi a questão da globalização e dessa coisa de perder aspecto, sabe... (...) sabe essa cultura de internet e tudo mais, de todo mundo meio que a mesma coisa, aí a essência da cultura, por exemplo, tava falando da coxinha, alguma coisa assim.. ah, falar de cachorro quente e tudo mais, foi uma coisa que a gente conversou bastante. Ainda mais que ele é espanhol e tudo mais, tipo... (...) falamos bastante coisa mas, ele falou que nos Estados Unidos, no geral, ele percebe que tipo, são certas coisas que ele repara na Espanha que é, meio entre aspas, copiado assim dos Estados Unidos, por exemplo, o estilo de vida, essas coisas. Eu falei “pô, no Brasil é a mesma coisa”.

Interagente: Mas você percebe que eles têm muito mais curiosidade pra aprender sobre a nossa cultura do que nós pra aprender a deles, porque tem muita informação pra eles, séries, filmes, o sonho americano e principalmente no estado de São Paulo, é muito presente... a gente sabe, por exemplo, quando eu fazia um curso (...) pegava vídeo falando onde era o... a capital do Brasil e tinha gente falando Buenos Aires. A gente tem noção, muito mais sobre a vida deles, sobre o país deles, do que eles da nossa. Eles também vivem num mundo (...) tipo, ah, o país mais desenvolvido, não sei que tem, e isso acaba... deixando eles dentro de uma bolha. E é interessante você conversar, a pessoa que eu conversei já morou aqui no Brasil um tempo, fez intercâmbio, então, ela já conheceu bastante, ela morou no Rio de Janeiro, então assim, ela conheceu bastante então a nossa conversa fluiu bem. A gente falou mais de aspectos pessoais: família, morar perto da faculdade, morar longe (...) E ela ensina crianças, então... eu me senti uma criança (risadas) Nossa, foi muito interessante...

(19:51) Mediadora 2: **Eu acho que é bom a gente pensar também, porque eu fico muito perdida na cultura dos Estados Unidos, porque o que chega pra gente talvez seja uma coisa muito superficial. A única coisa que eu sei de comida dos Estados Unidos é junk food. E aí as vezes me fala de um prato que é de lá e eu “gente eles cozinham?” (risadas) (...) Então acho que é legal também perguntar isso pra eles, né? A gente não assumir que já sabem das coisas...**

Interagente: É, eu percebi também que eles só conhecem assim... Carnaval, Rio de Janeiro, então... Também pra eles é (...)

(20:21) Mediadora 2: (...) **eu fiquei chocada: “como assim você nunca foi pro Rio de Janeiro?” (interagentes concordam e riem) “é longe!” (risadas)**

Interagente: A minha me perguntou “nossa, você não puxa o S?”, eu falei “não... puxo o R” e ela “como assim?”, aí eu falei “não, eu sou de São Paulo e tal, no Rio de Janeiro eles puxam o S...” e ela “aaaah, tá...”

Interagente: Meu parceiro ele falou “você é de São Paulo?”, eu falei “sou” e ele “Ah, deu pra perceber... eu tô falando o português carioca (risadas) (...) Mas ele conseguiu compreender...

Interagente: É, e o cara comentou comigo justamente que, acho que o professor deles tem o sotaque carioca... (...) É.. eles tavam achando um pouquinho diferente, mas super tranquilo...

(21:06) Mediadora 2: **Pior quando vem perguntar coisa específica do sotaque carioca (interagentes concordam)**

Interagente: Teve uma coisa do aspecto cultural, linguístico assim, que eu falei olha, porque ele é Venezuelano, ele pensava em espanhol pra tentar falar o português e aí a gente começou a pensar a partir da outra cultura né, porque sei lá, em inglês eu falaria “ah, tal coisa”, mas em

inglês não é “tal coisa”, você tem que colocar outras palavras lá... E... Ai eu falei tipo, ah, no português a gente tem o “tu”, mas, isso é usado no sul de uma forma bem mais correta, mas se você for pro Rio de Janeiro eles vão falar “tu vai” e ta tudo bem, todo mundo vai entender, mas ele não vai falar “tu fostes”... Ai ele ficou meio chocado assim, que as pessoas não seguiam a norma necessariamente, mas ele pode falar “você” ou “tu” ou qualquer coisa que as pessoas vão te entender, assim...

Interagente: Falando em sotaque, essas coisas, eu vou.. um relato que eu tive lá, ele falou do português de Portugal. Ele falou que o português e Portugal era um português muito travado, que ele achava bonito que o português do Brasil era uma coisa sabe... Ele falava que tinha uma musicalidade, que era uma coisa mais solta, mais gostosa... Eu achei interessante isso também (... difícil de entender) É... ele falava que era meio travado, que era um coisa que ele escutava o português de Portugal e o português do Brasil assim e falava “o português do Brasil era um negócio mais gostoso de ser escutado” (...)

(22:45) Mediadora 2: (...) que não vê diferença entre o português do Brasil e o de Portugal

Interagente: acha... (risadas e comentários)

(22:51) Mediadora 2: Nossa, pra mim é a mesma coisa (alguém comenta algo) E pra eles a gente fala super errado, que a gente não fala português direito

(23:00) Mediadora 1: Eu conheci um que achava que o português de Portugal Russo... Nossa parece Russo (risadas) Realmente....

(23:14) Mediadora 2: Então a gente encerra, se ninguém quiser falar mais nada...

Interagente: Ah, ela perguntou sobre a política brasileira... Ai eu disse que tava um crise, tem muitos corruptos, a lava jato... falei várias coisas pra ela... E ai eu perguntei do Trump... Se ela gosta da política do Trump, o que ela pensa a respeito. Ela disse que lá em Harvard ninguém gosta... (risos) mas a gente falou sobre isso...

Interagente: É também um choque de geração, porque, ela é 10 anos mais velha que eu e assim, tinha coisas que eu ficava meio receosa em perguntar porque não é do tempo dela né, é mais do meu tempo, daí deu mais uma travada assim, mas ela foi super legal, ela puxava assunto comigo, a gente conversou mais sobre coisas do cotidiano mesmo, sobre nossa vida, nossos gostos, hobbies, tudo mais. Só que eu acho que vou dar uma pesquisada em temas mais amplos assim que combinem entre as duas gerações, porque não posso sair falando sei lá, de Caverna do Dragão com ela (risadas)...

(24:16) Mediadora 2: Ah, mas é antigo Caverna do Dragão, é dos anos 80... sei lá (...)

Interagente: A minha mãe assistia gente (...)

Mediadora 1: Gente, eu nunca assisti Caverna do Dragão (...)

Mediadora 2: Vai ter filme, aproveita

Interagente: só pra aproveitar, ela falou esse negócio de questão de idade, de geração e tudo mais, o rapaz que eu conversei, ele tem quase o dobro da minha idade, então foi um negócio que eu senti bastante também assim. Apesar que, obviamente eu carecia mais de saber coisas relacionadas ao período que ele era menor, tinha minha idade assim, do que propriamente, obviamente, ele em relação as coisas que... ao meu tempo, digamos assim. Ele, sei lá... Eu senti que ele conhecia, entendia bastante essas coisas de cultura pop, essas coisas assim...

Interagente: Acho legal perguntar de brincadeira de infância, desenhos, sei lá...

Mediadora 2: Bom, então a gente encerra, gente. Até semana que vem. Obrigada por virem.

APÊNDICE B - Roteiro para entrevista com a(s) mediadora(s)

1. Primeiro, eu gostaria que você falasse um pouco sobre você. Que curso faz/fez, em que ano está, se está na pós/pretende seguir, como se envolveu com o Teletandem, se faz pesquisa nessa área, se não, em qual área...
2. O que é uma boa mediação para você?
3. Quais fatores você acha necessário para uma boa condução das mediações?
4. Você acredita que essa forma de mediação (em roda de conversa) teve maiores resultados do que os diários reflexivos? Se sim, de que forma?
5. Você planeja as mediações? Se sim, de que forma?
6. Você acredita que a mediação em dupla, no qual os mesmos mediadores se mantêm em todas as sessões, seja melhor? Por quê?
7. Que medidas você tomou, juntamente com sua colega, para mediar a turma? Vocês combinavam algo? Ou somente deixavam fluir?
8. Que aspectos da interação do Teletandem você levava em conta para elaborar as perguntas na mediação?
9. Vocês interagiam na mesma turma que vocês faziam a mediação? Se não, quando interagiam substituindo alguém, vocês notavam a diferença na mediação? Há algum aspecto positivo e/ou negativo?
10. Você tenta, de alguma forma, apontar/retomar os princípios do Teletandem na mediação? Seja quanto a separação de línguas, ou no momento da correção que é algo negociável e envolve o princípio da autonomia?
11. De que forma você buscava auxiliar os participantes a refletir sobre sua aprendizagem em contexto de Teletandem?
12. De que forma você buscava dar uma certa continuidade nos assuntos levantados pelos interagentes durante as mediações?
13. Essa “continuidade” ocorria de uma semana pra outra? Como?
14. Que estratégias você usava para mobilizar todos os interagentes à participarem da mediação?
15. De que forma você direcionava as questões para serem discutidas na mediação?

APÊNDICE C - Entrevista com a(s) mediadora(s)

Coimbra, 1º de fevereiro de 2019, entrevista com a mediadora 1

E: Então, primeiro, eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre você. Que curso faz, em que ano que você tá, se você está na pós ou não, se você pretende seguir...

M1: Então, eu sou estudante de Letras, na UNESP Araraquara, estava cursando meu quarto ano da graduação, quando fui aprovada no intercâmbio e vim pra Coimbra, terminei um semestre agora, vou começar o segundo, intercâmbio de um ano. Então não estou na pós ainda, porque eu tava acabando a graduação e vim pra cá, precisei atrasar meu curso por um ano e caso eu decida por fazer a pós – ainda não tenho certeza se quero, e não tenho certeza também da área, porque eu pesquisei o Teletandem na Iniciação Científica, mas não sei se quero continuar pesquisando o Teletandem numa pós-graduação, caso eu decida fazê-la, mas isso é uma decisão a ser tomada um pouco mais pra frente. E, acho que é isso, pra essa pergunta...

E: E... como você se envolveu com o Teletandem? Você já me respondeu que faz pesquisa na área né, e se você puder me falar um pouquinho também sobre a sua pesquisa, seria interessante...

M1: Ok... Então, com o Teletandem eu me envolvi a partir de uma amiga. Eu estava no segundo ano da graduação, e no nosso primeiro ano, ela é da minha turma, entrou junto comigo em 2015, e em 2015 ela foi bolsista BAE e desenvolveu um projeto no Teletandem, na época, e ela me apresentou. Não tinha participado, não tinha ido até então, e no segundo ano teve a oportunidade de uma bolsa de... acho que era pra cuidar do laboratório e ela me indicou pra professora Ana, que é a coordenadora do projeto e ai sim eu tive um contato mais próximo com o Teletandem. Depois, eu comecei a atuar no laboratório e fiz a pesquisa de Iniciação Científica também, com a orientação da professora Ana também. Então eu to envolvida no projeto desde 2016.

E: Entendi. Bom, como eu sei que você é mediadora no Teletandem, né, o que é uma boa mediação para você? O que você julga ser uma boa mediação?

M1: Uma boa mediação, pra mim, depende muito dos interagentes, por que? A mediação, no meu ver, né, nada mais é do que você mediar o que acontece ali nas interações, mediar possíveis conflitos e levar os interagentes a uma reflexão crítica caso eles ainda não tenham atingido esse nível, entender o que tá acontecendo ali no momento, se eles estão precisando ou não de ajuda, e tudo mais. Então, o que acontece...? Na mediação é preciso que eles falem, porque se eles não falam, não tem o que ser mediado. Então uma boa mediação é aquela em que os interagentes participam bem e trazem bastante reflexão pra mesa e o mediador tenha como contribuir com aquilo... Acho que é isso.

E: Entendi... E quais fatores você acha necessário para uma boa condução das mediações?

M1: Hm... Conhecer bem a turma, então eu acho importante, por exemplo, um mesmo mediador conduzir a turma do início ao fim, por exemplo... Porque, das experiências que eu tive, aconteceu das duas coisas: eu acompanhar uma turma e não acompanhar uma turma, e eu sentia que quando eu acompanhava a turma, dava muito mais resultado, porque eu lembrava já o que já tinha acontecido nas outras interações; conseguia trazer- se alguém tinha algum problema e falava sobre ele em alguma mediação, na mediação da semana seguinte, depois que eles já tinham feito uma próxima interação, dava pra voltar nesse assunto e ver se resolveu ou não, e coisas assim... Acompanhar a evolução dos interagentes, sabe... Então acho importante isso, uma mesma mediadora ou mediador, com a turma do início ao fim. Também é importante conseguir trazer a participação dos alunos, porque como eu disse anteriormente, é bom que os alunos interajam, participando e falando sobre suas interações, mas sabemos que temos aqueles que são um pouco mais tímidos, ou acham que o que eles tem a dizer não é importante e vai guardando, então é bom também ter um pouco desse... como fala... desse feeling, eu não sei como fala isso em... de um outro jeito... um jeito de trazer assim, quem não tá falando muito, pra mesa

E: Saber cativar...

M1: isso, exatamente... Hm... deixa eu ver o que mais... Acho que é isso também...

E: Você acha que essas duas partes, tanto da colaboração dos interagentes quanto do papel do mediador...

M1: Exatamente.

E: Certo! E... você acredita que essa forma de mediação, em roda de conversa, né, que é o que a gente tem feito há alguns semestres, teve maiores resultados que os diários reflexivos? E se sim, de que forma, você acha isso...

M1: Sim, acredito que o resultado foi bem melhor. Eu participei como mediadora dessas duas formas, né, de mediação, tanto a do diário quanto a de mediação presencial, em forma de roda de conversa e o que acontecia: nos diários, as pessoas não refletiam tanto quanto gostaríamos que elas refletissem. Não que elas não refletissem pra elas, mas elas não colocavam isso... não exteriorizavam isso nos diários escritos. E isso, acredito que era um problema pra elas e pra gente também como mediadora, porque não tinha muito pra onde correr, digamos assim, sabe? Se a pessoa não fala, o que você vai mediar se ela não tá falando? A gente brincava sobre os diários de três linhas: “hoje eu falei sobre comida, meu parceiro falou sobre tal...” e acabou. Na mediação em roda, ainda que ele não tenha muita coisa pra falar, você consegue esmiuçar mais informações, porque você faz uma segunda pergunta em cima daquilo e a pessoa está ali pra responder. Nos diários, a gente dá o feedback e eles recebiam as nossas perguntas, mas eram perguntas que na maioria das vezes, ou quase 100% das vezes, não eram respondidas, nem no próximo diário e nem nunca...

E: Muitas vezes não olhavam...

M1: Exato! Tinha gente que nem sabia que recebia um feedback, porque talvez não via a caixa de e-mail, ia pra spam, por algum motivo elas nem sabiam que elas tinham uma resposta do que elas escreviam. Então... e na mesa não. Na mesa se ela fala “hoje eu falei sobre comida”, você consegue chegar com uma segunda pergunta e levar aquilo a uma coisa mais além e tudo mais. Então sim, a mediação presencial, em roda, é muito melhor que a do diário escrito, com certeza.

E: Entendi...Ótimo... É, você planeja as mediações? E se você planeja, de que forma você faz isso?

M1: O planejamento vem, pelo menos das vezes que eu medie presencialmente, ele vinha das coisas que os interagentes falavam, porque primeiro eu conhecia a turma, então, quem era a pessoa com quem ela tava falando e o que aconteceu ali naquela primeira interação e aí, dali, se tinha alguma coisa pra ser trazida de novo numa segunda mediação, aí sim, caso não, tinha as minhas leituras da Iniciação Científica, que de uma forma ou de outra ajudava, nas mediações, porque eu estudei o componente cultural nas interações do Teletandem, mas com foco na interculturalidade do que no componente cultural em específico, então eu tinha muito uma bagagem de leitura nesse campo de cultura, então eu conseguia também levar os alunos a pensar mais criticamente sobre isso. Então, de uma forma ou de outra, eu estava mais preparada pra conduzir as mediações e fora isso, as questões mais da minha pesquisa, também tinha as questões que os próprios interagentes traziam e em cima daquilo, eu parava pra pensar sobre aquilo e trazia de novo na interação da semana seguinte. (9:55)

E: Então elas ocorriam basicamente de uma semana pra outra, a partir daquilo que você já tinha como um pré-conhecimento do que eles falavam

M1: Exatamente

E: E pras primeiras, na verdade, era só um conhecimento ali na hora, que se baseava na pesquisa, não tinha uma outra preparação, um outro tipo de preparação?

M1: Não, tinha as reuniões que a gente tinha com os outros mediadores e com a professora Ana também e ali ela dava algumas dicas pra gente de como se comportar e a gente sempre tava repesando as nossas posições na mediação... (10:44)Eu me lembro de reuniões que a gente teve

sobre a mediação presencial, em que a gente refletiu sobre a posição do mediador na mesa, se era melhor você estar sentado do lado dos alunos ou em pé? E aí concluímos que era melhor você sentar do lado deles, porque você em pé dava uma... fazia com que parecesse que era uma aula e não uma mediação e você sentado, você tava ali mais como um igual e que eles não tavam te respondendo perguntas como se fosse uma prova, por exemplo, dava um ar de conversa. Então tinha essas coisas também, que também conta como preparação né, porque você vai repensando sua atitude durante a mediação...

E: Ótimo... Você acredita que a mediação em dupla, no qual os mesmos mediadores se mantêm em todas as sessões, seja melhor? Por quê? Você tinha em falado, já tinha me respondido isso antes, né, de acompanhar uma turma, mas em relação a ser em dupla e deles se manterem assim, você acredita que seja melhor mesmo? Por que?

M1: Acredito que seja bom, se é melhor eu não sei, porque eu não tive a experiência de conduzir sozinha uma mediação presencial. Mas a experiência de conduzir em dupla, com a mesma dupla, do início ao fim, eu tive e foi muito bom, porque a gente já se conhecia e sempre uma complementava a outra e quando uma, vamos supor, não que não tinha nada a dizer sobre alguma coisa em que os interagentes falavam, mas... de complementar mesmo, sabe? De ajudar e ter uma outra visão. Porque, eu por exemplo, pesquisava o Teletandem, essa minha parceira não. Então ela tinha uma outra visão do Teletandem diferente da minha, porque eu tinha leitura específica da minha pesquisa que eu ajudava a contribuir, por exemplo, durante as mediações. Ela não tinha isso, mas ela tinha a contribuição dela e foi muito proveitoso, acredito que tanto pra mim quanto mediadora quanto pros alunos como interagentes. E como foi bom, acredito que seja legal continuar assim

E: seguir esse esquema...

M1: Exatamente, porque do mesmo jeito que eu conhecia a turma e conseguia voltar em questões anteriores, ela também. (13:20) Então, se você muda a dupla durante esse processo, essa sincronia não vai acontecer...

E: Algumas coisas se perdem, você acha?

M1: Exatamente. E eu lembro também que depois das interações a gente discutia sobre isso e conversava e tudo mais e voltava nisso depois na próxima semana... Foi muito proveitoso fazer em dupla e com a mesma pessoa, sempre.

E: Certo. E que medidas você tomou, juntamente com sua colega, para mediar a turma? Vocês combinavam algo? Ou somente deixavam fluir? Além disso eu você disse de discutir, né, que você acabou de dizer. Mas vocês combinavam alguma coisa? Vocês só deixavam fluir ali na hora? Como que acontecia... quais eram as medidas que vocês tomavam?

M1: eu me lembro de já ter combinado interferências com ela sobre casos específicos, que iam acontecer durante a mediação pra gente trazer na próxima semana e me lembro de várias conversas sobre as mediações que a gente teve depois ou antes mesmo das mediações, sabe, onde cada uma vai sentar, onde vai gravar o que que vai fazer e tudo mais... Agora, assim de combinar, de pesquisar algo, isso não aconteceu, mas de combinar interferências, pras mediações, sim, e de conversar sobre as mediações também, a gente conversava bastante...

E: Então o planejamento era mais alguma coisa antes, ou depois, na hora mesmo, vocês acabavam deixando fluir, assim, de acordo com o que os alunos iam contando, das interações...

M1: Sim, sim

E: Tá. Que aspectos da interação do Teletandem você levava em conta para elaborar as perguntas na mediação? (Entrevistada pede para repetir e entrevistadora repete a perguntar)

M1: Então, “com aspectos da interação”, o que você quer dizer?

E: Por exemplo, que elementos, assim, que fatores você usava da interação, daquelas conversas que eles tinham, pra trazer pra mediação, pra elaborar suas perguntas...

M1: Então, acredito que a gente sempre, ou perguntava algo de cultura, perguntava... coisas que poderiam aparecer nas interações de todos eles: “você falaram sobre algo cultural hoje?”, “teve algum problema durante a interação?”, “corrigiu o parceiro em algum momento ou foi corrigido?”, “de que forma você fez isso?” “está sendo efetivo ou não?”, “você vem preparado para as interações?”, “prepara algum tema pra discutir durante o momento da interação?”. Essas eram as perguntas básicas, né. As outras vinham a partir dessas, então surgia ali na hora, não era algo muito preparado previamente, essas eram as que a gente tinha, vamos supor, de praxe assim, sabe...? Então levava em conta isso, a questão da correção, a questão do tema da conversa, a questão de cultura, da separação de línguas, a gente perguntava bastante, porque a gente acha que é importante você separar bem o momento das línguas, pra que os dois tenham oportunidades de praticar a língua estrangeira, entender que é tão importante quanto você participar, falar o inglês com o seu parceiro, é importante pro seu parceiro falar em português com você... pra levar eles a refletirem sobre essa... não necessidade... a importância da contribuição deles pro aprendizado do outro, então, eram esses aspectos assim...

E: Ótimo! Vocês interagiam na mesma turma que vocês faziam a mediação? E se não, quando interagiam substituindo alguém, vocês notavam a diferença na mediação? Há algum aspecto positivo e/ou negativo? Em se participar...

M1: Dessas mediações presenciais, eu nunca participei de interação e depois mediei, não que eu me lembre... Não me lembro disso ter acontecido. Eu já fui interagente do Teletandem, mas eu não mediava a turma

E: Certo. Mas quando você substituía alguém e mediava, você notava alguma diferença? Ou você não chegou a substituir, enfim...

M1: Nossa, faz tanto tempo... Eu não me lembro de ter substituído... Não... não me lembro...

E: Mas apesar de não ter, você acha que existe algum aspecto positivo ou negativo, enfim, em você interagir e mediar aquela mesma interação no Teletandem? Ser tanto o interagente quanto o mediador?

M1: Acho interessante, embora acredite que não tenha feito isso, acho que é um movimento interessante, porque você traz pra mesa duas visões: a visão de interagente e a visão de mediador. Porque talvez, até algo o que surge ali na mesa tenha acontecido na sua interação, naquele mesmo momento e é mais fácil trazer isso porque tá mais fresco na memória, digamos assim. Porque, apesar de não ter interagido nas turmas em que eu mediava presencialmente, eu já tinha interagido antes. Então eu me lembro de questões que os alunos traziam (eu falo alunos mas nem todos eram alunos, né) mas que os interagentes traziam pra mesa de mediação, que já tinha acontecido comigo em interações passadas e eu passava essa experiência pra eles e o que eu tinha feito no momento, por exemplo. Então, eu acho que é interessante isso, mas também é interessante não interagir, porque você senta na mesa com a cabeça mais limpa, pra mediar o outro. Porque querendo ou não, o momento ali da mediação... dependendo do assunto que você trate, ou sei lá, pra mim, não que seja um peso na cabeça, mas parece que a cabeça tá em outro lugar depois que você interagiu. Então, acabar de interagir e já mediar a interação dos outros eu não sei se isso é 100% bom ou 100% ruim. Não aconteceu, mas...

E: Você acha que existem prós e contras...?

M1: Sim, com certeza

E: Entendi. Você tenta, de alguma forma, apontar/retomar os princípios do Teletandem na mediação? Seja quanto a separação de línguas, ou no momento da correção que é algo negociável e envolve o princípio da autonomia?

M1: Sim, sempre! Como eu disse em alguma questão anterior, eram esses os aspectos principais que a gente trazia durante a mediação e tinha outros que surgiam ali naturalmente, mas... acho importantíssimo e eu fazia isso sim. Perguntava da separação de línguas e explicava a importância das línguas serem separadas pra ter os dois momentos... até porque... a intenção do Teletandem é de você desenvolver ali a sua capacidade de aprendizagem, então se você não separar as línguas e toda vez eu ocorre um problema você volta pra sua língua materna, em que momento você tá aprendendo? Então, a gente tentava, sim, passar essa visão pros interagentes e também... o princípio da autonomia, da questão da correção, porque a gente dava várias saídas pra eles nessa questão de correção, porque tem uns que não gostam de parar a interação na hora e corrigir o outro, ou que o outro pare a interação para corrigir a pessoa... Então a gente falava: tem vários momentos, tem várias formas, então vocês podem fazer da forma que vocês se sentirem melhor, então tinha esse jeito, podia anotar e depois no final da interação voltar e falar “olha, tem esse ponto, esse ponto, dá pra melhorar aqui ou ali”. Então sim, deixava claro os princípios do Teletandem.

E: Você acha importante que os mediadores, pra exercer o seu papel ali na mesa, que seja interessante sempre retomar esses princípios também?

M1: Exatamente, com certeza. Porque como sempre a gente fala, o Teletandem não é só uma conversa, tem toda a questão de aprendizagem aí por trás e uma aprendizagem colaborativa e pra ela ser colaborativa, temos que respeitar os princípios, então eles eram sim trazidos pra mesa de mediação.

E: Ótimo. De que forma você buscava auxiliar os participantes a refletir sobre sua aprendizagem em contexto de Teletandem?

M1: Primeiro perguntando sobre o que eles falaram e daí puxar outras questões. Então, é... “aprendeu vocabulário?”, “conversou sobre expressões?”, “ensinou algumas expressões pro seus parceiros?”... Os interagentes gostavam muito de explicar as gírias, por exemplo do Brasil, e aí explicar essa gírias em inglês, como que era esse momento? ... Então isso, fazendo perguntas e respondendo as perguntas pra eles, trazendo experiências próprias também...

E: Faz um tempo, né?

M1: Faz um tempinho...

(dão risadas e a entrevistadora repete a pergunta)

M1: Ah, ok. Então, isso mesmo, fazendo as perguntas e chegando ao cerne das coisas, trazendo as experiências e mostrando pra eles que era importante essa auto reflexão sobre a interação. Como eu disse, não é apenas uma conversa, tem toda a questão da aprendizagem aí por trás. Então a gente enfatizava bastante essa parte, e fazendo isso voltando lá pros princípios, né? Porque quando a gente falava de separação de línguas, quando falava de correção, a gente tava ali: “olha... é ambiente de aprendizagem, é isso, isso e aquilo... Então era isso... E uma sempre ia auxiliando a outra. Eu falo isso pensando em uma turma em específico que eu fazia com a minha parceira de mediação. E aí a gente fazia com que o aluno falasse mais, e mais, e mais, e mais, pra refletir mais sobre aquilo e não ser “ah, sobre o que você falou?”, “falei sobre comida.”. “E o que mais? Aprendeu alguma coisa em cima disso? Algum vocabulário novo? Algum prato novo?”, coisa que você não conhecia antes... sobre estereótipos, também era bem importante quando a gente chegava na reflexão sobre o estereótipo, se eles eram quebrados ou não, mantidos... Estereótipos que eles tinha sobre a cultura do parceiro ou que o parceiro tinha sobre a dele, se ele manteve isso ou não, se tá dando dicas pro parceiro, pra refletir sobre a contribuição do Teletandem na aprendizagem dele. Não é só uma prática de língua...

E: Sim... A gente comentou sobre isso, mas tem uma pergunta específica... De que forma você buscava dar certa continuidade nos assuntos levantados pelos interagentes durante as mediações?

M1: Então... a gente sempre tava com um... anotando né...

E: É isso que eu ia perguntar também, se existia alguma forma...

M1: Sim sim...a gente anotava e pelo menos, quando uma não tava anotando, a outra tava... e era assim, ou era na base da memória também, eu guardava bastante as informações que eles falavam de uma semana pra outra e eu conseguia voltar à elas depois... Então era ali, anotando ou na memória...

E: Você lembra de algum caso ou em relação à algum assunto...?

M1: eu me lembro de uma moça que tinha problemas com a correção e ela não sabia exatamente o que fazer, pra corrigir, a parceira (acho que era uma parceira dela) e ai a gente deu – deu não, né? – falou sobre as várias opções que ela tinha... E na semana seguinte, eu me lembro de ter voltado nessa questão e perguntado pra ela se deu certo, o que ela tentou fazer e tudo mais...

E: Entendi... em relação à correção... Você acha que isso também ajuda os outros alunos a refletirem também sobre isso?

M1: Sim e eu acredito que faz com que eles sintam que a mediação ta sendo produtiva, porque eles vão sentir que eles estão sendo acompanhados (28:36) e não só sentados ali na mesa jogando informação aleatória. Não, essas informações estão sendo guardadas para serem usadas depois ou não (caso não precise voltar), mas entender que aquilo é um processo, não é só um caso isolado de uma semana pra outra. Não, é um caso contínuo. Assim como as interações deles tem continuidade, a mediação também tem.

E: Entendi. E essa “continuidade” ocorria de uma semana pra outra?

M1: Exatamente

E: Tem um pergunta aqui “como?”, mas eu acredito que você já tenha me respondido isso bem antes, né? Enfim, dessa relação de voltar. Alguma outra coisa, em relação a isso?

M1: Ah, acredito que não... Acho que cobrimos tudo... Você sente que faltou alguma coisa?

E: Não! Só perguntei porque as vezes conversando sobre, você tenha mais alguma coisa pra falar em relação a isso, mas, enfim... Que estratégias você usava para mobilizar todos os interagentes à participarem da mediação? Porque diferente dos diários, agora não é uma pessoa só, são várias pessoas ali na hora...

M1: Isso eu me lembro de ter conversado também, por exemplo, com a minha parceira, porque, logo quando começamos a fazer a mediação presencial, tinha esse problema, por que? A turma era grande e tinha aqueles que falavam muito, e tinha aqueles que falavam pouco, e tinha aqueles que não falavam... Então, foi logo quando começamos com essa nova modalidade (não sei se posso chamar assim), esse novo jeito de fazer mediação, então a gente conversava bastante sobre isso, como melhorar, como dar oportunidade de fala pra todos eles e chamar aqueles que não falavam. Então, no começo era: “alguém mais? Aconteceu isso com mais alguém na mesa?”, ou então olhava pra pessoa e esse “alguém mais” já era um “alguém” direcionado, “alguém mais, você que não falou ou não falou muito até agora”... E eu me lembro de um caso específico assim nessa turma. Quando a gente começou, da gente chamar pelo nome mesmo, era um menino e ele quase não falava nada, ele não falava na verdade... e a gente notou isso na primeira mediação que foi, digamos assim, um teste né, foi logo que começou (não era bem um teste porque a gente ia continuar), mas foi logo que começou. E ai na segunda semana, a gente já ficou mais de olho e quando viu que não tava indo, chamava a pessoa pelo nome... “tem alguma coisa pra falar sobre isso?” e tudo mais... e o que acontecia: essa turma era muito grande, eu me lembro que quase não tinha espaço na mesa pra todo mundo e ai isso foi uma questão que a gente levou adiante, pra fazer turmas menores ou dividir o grupo de mediação em dois e um de um lado, outro de outro na sala, mas ai eu me lembro de nem ter precisado fazer isso porque as próximas turmas já eram menores... Então pra trazer quem não tava falando ou não tava falando muito era mais fácil, porque você podia... se uma pessoa falasse, dava pra você olhar pra próxima quando ela acabasse e ela já entendia que aquilo era um “nossa, é a minha vez de falar,

vou falar um pouco”, ou então nem precisava, eles mesmos já começavam a falar e complementar, falar do outro, trazer, “ah, isso também aconteceu comigo e eu fiz isso, isso e aquilo”, e quando não tinha alguém pra falar, ai a gente apontava de novo “e você? É importante falar, vamos exteriorizar isso ai, porque é importante pra vocês...”

E: Entendi... A última pergunta é, enfim, de que forma você direcionava as questões para serem discutidas? Então eu acredito que seja mesmo como você já me respondeu anteriormente, chamando mesmo as pessoas...

M1: Sim, chamando mesmo as pessoas. A primeira questão é sempre aberta né, e ai um voluntário começa a responder e ai os outros vem na consequência e se não vem, aponta, ou chama pelo nome, ou só um olhinho assim direcionado ela já entende que é ela e ela “opa, é comigo, deixa eu responder aqui...”

E: Ah, entendi... Bom então eu acho que é isso. Enfim, muito obrigada pela sua participação aqui...

M1: De nada

E: Terminamos aqui a primeira entrevista...

ANEXO

ANEXO A - Perguntas do Questionário Final

Questionário Final - Teletandem Inglês - 1º semestre

- 1) Nome completo (você não será identificado) *
- 2) Idade *
 - 18 – 22
 - 23 – 30
 - 31 – 35
 - acima de 36
- 3) Qual curso de graduação ou pós-graduação que faz na UNESP? *
 - Letras
 - Economia
 - Administração Pública
 - Pedagogia
 - Ciências Sociais
 - Odontologia
 - Química
 - Engenharia Química
 - Engenharia de Bioprocessos
 - Farmácia bio-química
 - Pós-graduação
 - Sou servidor/docente da UNESP

Caso tenha marcado pós-graduação ou sou servidor/docente da UNESP, indique a área de estudo ou a função na UNESP.

- 4) Em que turma(s) do Teletandem participou neste semestre? *
 - Turma 1: Universidade de Tulane (terças-feiras - 14h30)
 - Turma 2: Universidade de Harvard (terças-feiras - 10h)
 - Turma 3: Universidade de Harvard (terças-feiras - 12h)
 - Turma 4: Universidade de Hawaii (segundas-feiras - 16h30)
 - Turma 5: Universidade de Hawaii (segundas-feiras - 17h30)
 - Turma 6: Universidade de Hawaii (quartas-feiras - 16h30)
 - Turma 7: Universidade de Hawaii (quartas-feiras - 16h30)
 - Turma 8: Universidade de Washington (quartas-feiras - 13h30)
 - Turma 9: Universidade de Washington (quartas-feiras - 14h30)
 - Turma 10: Universidade de Washington (quartas-feiras - 15h30)
- 5) O que você achou da sua experiência no Teletandem? *
- 6) Suas expectativas foram confirmadas? *
 - Sim
 - Não

Explique: *

- 7) Você acredita que seu nível de conhecimento da língua inglesa melhorou? *
 - Sim
 - Não

Caso sim, em quais aspectos? Caso não, por que não? *

- 8) Você aprendeu palavras novas em inglês? *
 - Sim
 - Não

Caso sim, que estratégias usou para essa aprendizagem? Caso não, quais fatores impossibilitaram o aprendizado? *

9) Você ensinou palavras novas para seu parceiro? Explique de que forma fez isso. *

10) Por favor, assinale o que você aprendeu durante as interações do Teletandem (você pode assinalar mais de uma alternativa): *

- Regras gramaticais
- Vocabulário
- Expressões idiomáticas
- Expressões úteis no dia-a-dia
- Fala mais fluente
- Confiança maior ao falar
- Escrita
- Ortografia
- Compreensão oral da língua
- Capacidade de leitura na língua
- Novas estratégias para aprender
- Novas estratégias para compreender as pessoas na língua estrangeira
- Informações culturais sobre o seu próprio país
- Informações culturais sobre o país do seu parceiro
- Coisas que nunca havia percebido sobre sua própria língua
- Modos de pensar sobre sua própria cultura
- Modos de pensar sobre a cultura de seu parceiro
- Outro:

11) Quais recursos você utilizou nas sessões de Teletandem? *

- Chat
- Webcam
- Gravação de voz
- Envio de arquivos
- Quadro de comunicações (lousa eletrônica)
- Compartilhamento de pastas
- Mensagens de e-mail
- Anotações no word ou outro programa
- Controle de modificações de texto do Word
- Corretor gramatical
- Google
- Dicionário impresso
- Dicionário on-line
- Youtube
- Compartilhamento de telas
- WhatsApp
- Caderno para anotações
- Jornais
- Revistas
- Outros

12) De que forma o seu parceiro contribuiu para sua aprendizagem cultural? *

13) E que atitudes suas contribuíram para a aprendizagem cultural de seu parceiro/a?*

14) Reflita sobre as interações e responda: a) Você tinha algum estereótipo sobre a cultura do seu parceiro? Acha que ele foi desconstruído? Por quê? *

b) Você acha que criou algum estereótipo sobre a cultura dele/a ou que abriu espaço para que ele/a criasse um sobre sua cultura durante as interações de teletandem? Explique. *

15) Quais emoções foram mais frequentes nas interações?

	Interação 1	Interação 2	Interação 3	Interação 4	Interação 5	Interação 6	Interação 7
Admiração							
Afinidade							
Alívio							
Amor							
Antipatia							
Ansiedade							
Culpa							
Empatia							
Felicidade							
Indiferença							
Insegurança							
Medo							
Pânico							
Raiva							
Tristeza							
Vergonha							
Não se aplica							

Comente sua(s) resposta(s) *

16) Vocês separaram ou misturaram as línguas durante as interações? Explique em quais momentos.

17) O que achou da mediação? *

18) De que forma a mediação auxiliou (ou não) sua participação no Teletandem?*

19) Você pretende participar novamente do projeto Teletandem? *

- Sim
- Não

Justifique sua resposta. *

20) O que você acha que podemos fazer para melhorar o Teletandem? *